

P2694

ARCHIVOS BRASILEIROS DE HYGIENE MENTAL

ANNO IV	JANEIRO-FEVEREIRO DE 1931	N.º 1
---------	---------------------------	-------

Editorial

Depois de uma interrupção de 4 mezes, indirectamente ocasionada pela crise politica e economica que abalou o paiz, voltam a circular, com o presente numero, os Archivos Brasileiros de Hygiene Mental.

Embora não possamos prefixar-lhes rigorosamente a periodicidade que deverão manter no anno fluente, diligenciaremos por não alongar em demasia o rythmo da publicação. De qual-quer modo, os nossos assignantes—em numero tão insignificante até hoje—, continuarão a ter direito a 12 numeros separados, ainda que excepcionalmente possa um numero incluir varios mezes, como é o caso do actual.

Vale a pena, aliás, consignar, neste passo, que a despeito da expectativa pessimista de muitos dos nossos, tivemos a satisfação de editar esta revista com regularidade absoluta desde outubro de 1929 a setembro de 1930, perfazendo desse modo o total de 12 numeros, constitutivo de uma assignatura. Não nos cabe dizer dos sacrificios em que importou semelhante esforço, mas devemos lembrar que, das já numerosas revistas de hygiene mental que se publicam em todo o mundo, são rarissimas as que se conseguem conservar mensaes, não estando nesse caso, que saibamos, senão l'Hygiène Mentale, de Paris,—editada, é verdade, como supplemento de l'Encéphale,—e alguns minusculos boletins norte-americanos.

*
* *

Quanto aos objectivos da Hygiene Mental que a nova situação politica orientadora dos destinos da nacionalidade, já tenha posto em pratica, ou esteja em via de promover, segundo

indícios notórios, cabíveis, por certo, nesta pagina. uma referência especial, mencionando-se actos e factos que, por sua valia intrínseca, dispensam louvores.

Anti-alcoolismo—Desde que teve início o novo estado de cousas, na politica nacional, foi uma das preocupações dominantes dos Poderes Publicos tomar acertadas providencias de repressão e prevenção do vicio da embriaguez. A's primeiras medidas de emergencia seguiu-se attento estudo do problema, no proposito de decretar medidas de maior extensão e estabilidade, o que parece não tardará. (Vejam-se adiante, na «Secção de Anti-alcoolismo», a pgs. 23 e 24, as declarações do eminente Dr. Belisario Penna a respeito).

Assistencia aos doentes mentaes—E' do dominio publico o grande interesse que tem manifestado o Governo Provisorio pela melhoria de nossa assistencia a psychopathas, tão eivada ainda de graves lacunas, não obstante o esforço indefesso do respectivo corpo clinico. de que era chefe até ha pouco o nosso muito prezado e sabio mestre, Sr. Professor Juliano Moreira, ora aposentado, entre as homenagens de todos os seus admiradores e amigos. Em o proximo numero de certo poderemos occupar-nos pormenorizadamente das modificações de mais vulto que estão sendo introduzidas no funcionamento desse ramo de assistencia.

Manicomio Judiciario—Autonomo, por acto recente de reforma, dentro do Ministerio da Justiça. dotado, logo após, de um quadro clinico excellente, sob a direcção insuperavel do Dr. Heitor Carrilho, prepara-se. além disso, o Manicomio Judiciario para, em boa hora, centralizar, em nosso meio, os serviços de prevenção da delinquencia, obra sem duvida em estricta correlação com a da prophylaxia das doenças mentaes.

Serviços de Hygiene Mental—O Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas, egregio chefe do Governo Provisorio, recebendo em audiencia um representante da Liga. mostrou-se favoravel á idéa da officialização de um serviço de hygiene mental, dentro do novo Ministerio da Educação e Saude Publica, ora confiado á proficiencia e ao zelo do illustre Sr. Dr. Francisco Campos.

No momento de fecharmos esta pagina chega-nos, aliás, a noticia de que no Estado de Pernambuco acaba de ser creado um serviço dessa indole, abrangendo uma secção de prophylaxia e um instituto de psychologia.

TRABALHOS ORIGINAES

OS ELEMENTOS PSYCHO-SOCIOLOGICOS NOS PROGRAMMAS DE ENSINO (*)

PELO

PROF. ERASMO BRAGA

Ex-Professor do Gymnasio de Campinas, Titular
da Secção de Educação e Trabalho Profissional
da Liga Brasileira de Hygiene Mental.

«A educação é um complexo, diz Sir Michael E. Sadler, eminente mestre do University College de Oxford, e não constitue uma secção á parte circundada de muralhas. O medico, o administrador de obras publicas, o agronomo, o engenheiro, todos se preocupam com a educação, porque esta objectiva o melhoramento da comunidade social no que diz com a hygiene e a boa organização dos multiplos aspectos da vida communal... A educação tem por finalidade o bem-estar da communhão social, reforçando a vontade e illuminando os ideaes do individuo; e, concurrentemente, tem por objectivo dar ao individuo mais vazas na vida, aperfeiçoando a communhão social de que este é parte».

Claparède friza as correlações sociaes da escola: «Como a vida que espera a creança, ao sahir da escola, é uma vida no seio de um ambiente social, apresentar o trabalho sob forma vital é apresental-o sob seu aspecto social, como instrumento de acção social — (o que se dá na realidade). A escola tem esquecido demais este aspecto social e, desprezando a sua contextura natural, tem trabalhado sempre artificialmente».

Este conceito sociologico da educação vem substituir o encyclopedismo, que era ha bem pouco tempo o traço caracteristico dos programmas de ensino em todos os paizes cultos. O desenvolvimento vertiginoso da civilização contemporanea, accrescentando quotidianamente aquisições novas ao acervo de conhecimentos indispensaveis mesmo aos que vivem nas zonas ruraes mais longinquas dos centros nos quaes se elabora á vida hodierna, força a recomposição dos programmas de ensino e a consequente modificação dos methodos didacticos.

(*) Conferencia do Curso de Psychologia da Liga, em 28 de Agosto de 1930.

Esta reconstrução do ensino não será apenas um resultado da melhor intelligencia que hoje temos dos processos mentaes do apprendizado, mercê da collaboração que a neurologia e a psychologia experimental dão á pedagogia, para ser uma fatalidade inescapavel decurrente de movimentos cosmicos a que não se pode impunemente resistir.

Ha muito de inquietante, para nós que estremeecemos esta patria, na lentidão burocratica de nosso aparelho escolar, em todos os grãos do ensino. Avulta mais essa inquietação quando se avalia a massa de preconceitos cyclopicos a remover, para lançarmos os fundamentos, não mais de uma reforma impossivel de uma velha machina rotineira e carcomida de vicios, porém, a reconstrução de todo um aparelho organizado para attingir finalidades bem definidas sobre um plano integral, em que os varios componentes articulados racionalmente entrarão em função harmonica.

O CENTRO COORDENADOR — Quando a humanidade ha pouco voltou a si do grande *shock* produzido pelo maior traumatismo cataclysmico que já abalou a civilização, dando balanço nos salvados, verificou que lhe sobravam ainda do patrimonio riquezas de valor incalculavel. O aspecto desse thesouro é, todavia, o de um belchior, onde se armazenam, conforme as necessidades de occasião o que um educador denominou «fragmentos grotescos de conhecimentos». Aqui, e ali, amontoados de valores agrupados por contiguidade. Mas, todos nós o sentimos, falta ordem na casa da sabedoria humana, que um poeta oriental descreveu como «o palacio das sete columnas».

Nestes dois decennios, esboçou-se na pedagogia contemporanea um programma novo de pesquisas, de experiencias, de reorganização em busca de um centro coordenador dos processos educativos. As pesquisas psychologicas, seguindo linhas experimentaes anteriormente lançadas, estão dando á educação um magnifico aparelhamento para aferir a capacidade mental, verificar o rendimento dos processos didacticos e avaliar os resultados obtidos. A sciencia da administração escolar tem reorganizado o aparelho educativo, e, com uma audacia ás vezes impaciente, como acontece nos Estados Unidos, succedem-se as experiencias mais atrevidas na pratica escolar. E, todavia, se o prestigio dos psychologistas, provenientes do valor de sua inestimavel contribuição a escola moderna, ou a capacidade pratica do ad-

ministrador conseguissem impôr o seu ponto de vista exclusivo como a directriz da escola nova, teríamos apenas tentativas unilateraes para organizar o nosso systema de educação.

Os dirigentes do movimento educativo contemporaneo estão fazendo a synthese dos conhecimentos humanos, em torno de um principio coordenador integral — *o sentido da comunidade*, afim de attingir os objectivos da educação. Não constitue isso um descobrimento, pois, como bem o disse Claparède na citação que acima fizemos, todas as vezes que, em qualquer lugar e em qualquer epoca, a escola, o mestre, a educação attingiram seus objectivos com algum exito, foi porque se apresentou «o trabalho sob forma vital, sob seu aspecto social, como instrumento de acção social», e a escola foi activa, a didactica foi vitalista e a educação socializada.

O que temos hoje com maior claridade é a intelligencia racionada, a systematisação scientifica do complexo educativo. Dahi a comprehensão do valor especifico dos elementos psycho-sociologicos que entram na formula de um systema de educação. O educador terá de estabelecer o seu programma, levando em conta as necessidades de um aggregado incontavel de individuos, e a innumeravel quantidade de facios novos que as pesquisas scientificas e o desenvolvimento dos meios de comunicação, com o consequente intercambio de valores, accrescentam diariamente ao circulo de conhecimentos necessarios ao individuo instrumental para as acções mais comeseinhas na vida moderna.

O meio de correlação desses elementos individualistas e gregarios, no complexo educativo é o sentido da comunidade.

Segue-se pois, que, ao lado do laboratorio de psychologia experimental, é necessario que o aparelho escolar tenha, hoje, o gabinete de pesquisas sociologicas. Este é tão imprescindivel na educação, quanto os laboratorios medicos o são para o clinico e para o hygienista. Cumpre ao educador conhecer a comunidade social tão completamente quanto os individuos submettidos á acção pedagogica. Diz Jesse Jones: «As necessidades do individuo são bem comprehendidas por meio das da communhão social. Os *objectivos da escola* as mais das vezes desarticulados e até contradictorios, serão substituidos pelos *objectivos da educação*,

harmonizados e humanizados pelo sentido da comunidade em seu conjunto».

O SENTIDO DA COMUNIDADE — A complexidade da vida hodierna torna difficil apprehender os elementos essenciaes e significativos do meio em que vivemos. O problema torna-se ainda mais aspero pelo convencionalismo artificial da vida urbana. Dahi resulta que a escola e os programmas de ensino ficam geralmente desarticulados das necessidades reaes do ambiente.

Para organizar-se, pois, um programma integral de educação, torna-se necessario, primeiro, averiguar quaes são os elementos essenciaes da civilização, e, em segundo lugar, quaes são as adaptações necessarias para que o aparelho educativo corresponda ás situações especificas do aggregado social em que se effectua o processo didactico.

Investigações recentissimas dão ao educador orientação segura para apprehender as componentes do complexo social.

Thomas Jesse Jones, da Phelps Stokes Foundation, esboça nas seguintes linhas o sentido da comunidade, como determinante da educação:

«E' a intelligencia comprehensiva das condições da comunidade como base sobre que o educador planeja o processo educativo no seu conjunto... As convenções e os costumes do passado constituem suas fundações. Não se perde de vista o individuo; ao contrario, amplifica-lhe, enriquece-lhe, generaliza-lhe as qualidades e as necessidades individuais no apreço das do grupo a que pertence o individuo, em função das condições geraes do meio ambiente. As variações dos phenomenos essenciaes da civilização fixariam sobre as coordenadas de um graphico sociologico, os pontos determinantes de um programma de educação, para um dado momento historico, para uma dada região. As abscissas seriam assim caracterizadas:

1 — O phenomeno elementar, que constitue a primeira area dos centros de interesse, é o instincto de conservação. A luta pela existencia passa da pugna contra a natureza selvagem, para a conservação da saude, a defesa contra a doença, o apreço da hygiene, afim de que a vida continue a prolongar-se feliz até uma idade provecta.

2 — Vem immediatamente a seguir a luta para a obtenção do alimento, do vestuario e da habitação, que tornou necessario ao homem primitivo na comunidade rude apren-

der a afeição a pedra para defender a caverna, o pescueiro, o valle fertil contra os intrusos. No seculo vinte, as comunidades policiadas manifestam nesta area seu interesse na agricultura scientifica, no aproveitamento das riquezas do solo, no apreço artistico das bellezas naturaes,, turismo, estações de repouso, etc. e nas relações coopeerativas com os outros individuos, por continuidade ou por interesse mutuo.

3 — A familia, em torno da qual se aggregam multiplos interesses, constitue indisputavelmente um dos elementos essenciaes do sentido da comunidade. Nella assentam os interesses geneticos. A transmissão da vida, a conservação da raça, a cultura dos caracteristicos do grupo social, são phenomenos que interessam vivamente ao individuo e á collectividade.

4 — Os instinctos culturaes completam o circulo dos grandes interesses humanos. As danças, as festividades cerimoniaes, os mysterios animistas das populações primitivas, o pendor universal das crianças para o brinquedo, e a industrialização das diversões para os adultos; as instituições artisticas e scientificas; as cathedraes, a autoridade, a inspiração e as sancções da fé religiosa, demonstram a importancia da recreação como um dos simples que compõem o complexo social.

A SOCIALIZAÇÃO DO PROCESSO EDUCATIVO — Os inqueritos que se tem feito ultimamente entre professores para averiguar até que ponto estão nitidos na mentalidade dos profissionaes do ensino os conceitos fundamentaes da sciencia da educação revelam que são obscuros, na generalidade, os objectivos immediatos do ensino.

Ha pouco tempo o «New York Times» promoveu um *symposium* entre educadores eminentes dos Estados Unidos. Um reitor de universidade considerou objectivos immediatos da educação: — (I) alliciar o interesse de cada um dos alumnos nos deveres diarios, afim de dar-lhe capacidade e persistencia para o trabalho arduo; (II) desenvolver-lhe a observação acurada; (III) educar-lhe o temperamento artistico, especialmente quanto á musica; (IV) despertar-lhe a iniciativa, o dynamismo; (V) criar nelle o espirito de cooperação. Para esse universitario, o programma de ensino comprehenderia a educação physica dos 6 aos 18 annos, elementos de agricultura, dietetica, hygiene, trabalhos manuaes, artes domesticas. Insistia em que o ensino da hygiene deve

ser orientado para a defesa social contra as doenças e a do-
do pauperismo e do vício. A atmosphera escolar deveria
estar carregada de sentimentos amáveis, de esperança e do
dever. Fóra dali o medo e o egoismo. Um chefe de admi-
nistração escolar achava que o objectivo immediato da es-
cola é preparar a criança afim de participar de todas as acti-
vidades conducentes ao bem commum, desenvolvendo nella
o interesse em syntonía com o trabalho de todos os homens,
dando-lhes a technica para a investigação, e tornando-os ca-
pazes de attribuir o devido apreço ás artes fundamentaes
da educação. Um superintendente de escolas municipaes me-
tropolitanas affirmava que a escola não é para a vantagem
egoista das crianças e de suas familias, mas para o bem pu-
blico. O director de uma escola secundaria respondeu que a
educação moderna cumpre dar ao paiz cidadãos mais conscien-
tes de seus deveres civicos, antes que melhores artezãos, me-
chanicos, guarda-livros ou commerciantes. Os maiores pro-
blemas de hoje são humanos, e não economicos. Um histo-
riador affirmou que o objectivo da escola é ensinar ás crian-
ças a pensar, a utilizar a sua intelligencia na solução dos
enigmas da sua vida subsequente. Cumpre para isso huma-
nizar a educação, e para tanto é mister uma nova synthese
dos conhecimentos, porque a classificação actual das sciencias
é impropria para os fins da educação.

Leonard V. Koss analysou 112 estudos de educadores
americanos, e organizou uma serie de vinte e quatro objecti-
vos bem definidos que agrupou da seguinte maneira: (I)
adestramento para o desempenho de responsabilidades civi-
co-sociaes; (II) saude; (III) participação em actividade re-
creativas e estheticas; e (IV) efficiencia pratica na vocação
em que cada um é chamado a servir.

Jesse Jones fazendo a critica desses inqueritos nota que
os objectivos enumerados não demonstram articulação per-
feita com os problemas reaes da vida, e resentem-se ainda
de um certo dogmatismo. O que fica, todavia, lucidamente
manifesto é que os processos de educação só correspondem
realmente ás necessidades do individuo, quando são formula-
dos em funcção do meio social em que vive a actua o edu-
cando.

Para restabelecer a formula de integração do educando
em seu ambiente o primeiro passo é levantar o cadastro da
vida communal.

ESCORÇO DO INQUERITO SOCIO-PEDAGÓGICO —

Estamos começando em nosso paiz o estudo de nosso complexo social pelas primeiras tentativas de estudo scientifico da população escolar, nos varios centros em que actuam os pioneiros da psychologia experimental applicada á educação. A esse aspecto da nova escola teremos ainda de alludir mais adiante.

O que ainda está por criar, com a finalidade de dar organização systematica ao material scientifico necessario para a coordenação racional dos processos educativos é o laboratorio socio-pedagogico.

Para investigação scientifica da vida communa, haverá mister de instrumentos de pesquisa:

1) — Um delles seria o questionario para descobrir, localizar e controlar a efficiencia das organizações sociaes que, além da escola, são parte do aparelhamento educativo na comunidade: o aparelho politico e administrativo para a conservação da nacionalidade e do povo, a defesa e educação sanitaria, a familia as organizações do trabalho e do capital, institutos de cultura e recreio. O conhecimento derivado desse estudo systematico do meio, resultaria em um entendimento do systema politico, da situação economica, dos elementos culturais que deverão convergir para a finalidade da educação.

2) — Outros instrumentos de sondagem serviria para avaliar os elementos imponderaveis que vitalizam o processo de educação, por exemplo — os ideaes de democracia, de philantropia, de fé, que como bem disse Jesse Jones, «em sua forma abstracta podem ser uma illusão ou pura emoção futil». Continua o notavel sociologista: «Até onde esses ideaes entram em funcção no campo de hygiene, do aproveitamento consciente do meio, physico e humano, da vida domestica, e na reconstrucção da sociedade humana pela re-creação? Esses ideaes vitalizam a administração politica a escola, as igrejas, o lar, o trabalho, o capital, a arte, as diversões? As respostas a esses inqueritos concorreriam para a synthese e humanização das actividades diversas e quasi innumeraveis do individuo e da sociedade em um conceito do sentido da comunidade».

Não pára ahi o estudo cadastral do comunidade. O laboratorio socio-pedagogico teria de organizar o seu aparelhamento de pesquisa para obter dados scientificos sobre

as quatro zonas onde residem os verdadeiros centros de interesse pedagogico.

(a) Qual a hygidez da população em geral e da pre-escolar? As escalas para medir essa condição essencial da boa escola, são os indices da mortalidade, da mortalidade infantil, das entidades morbidas prevalecentes do meio e a media da vida. E' claro que a instrucção especifica em todos os graos de ensino teria de variar em funcção das condições mesologicas onde estiver situada a escola. O Departamento de Saude Publica passa dest'arte a ser coefficiente de primacial importancia do aparelho educativo. E, continuando a pesquisar o meio ambiente, do ponto de vista da saude, cumpre ao organizador de um programma de educação averiguar: (I) A natureza e a procedencia dos artigos de alimentação; (II) o estado das habitações, com referencia ás condições hygienicas; (III) a indumentaria; (IV) a attitude da população para com a defesa sanitaria e a assistencia hospitalar; (V) o aparelhamento para o exercicio physico e recreio, para a formação de habitos sanitarios, as occupações que precisam de correctivo, e o valor sanitario das diversões existentes; (VI) o lazer e o aproveitamento saudavel do repouso; (VII) exames medicos periodicos; (VIII) a cooperação, multiplicidade ou competição das instituições existentes na contribuição que devem trazer ao problema sanitario.

E' já claro de ver como se desenvolve em torno desses inqueritos um programma vasto de ensino sobre centro reaes de interesse, que se prestam a «projectos» de enorme eficiencia educativa.

(b) — Um inquerito semelhante versaria sobre os recursos physicos de que necessita a comunidade e os meios de os supprir; sobre a attitude da população para com o meio ambiente quanto ao patriotismo commum, bellezas natu-raes e thesouros de arte, relações com immigrants, capacidade de aproveitar os recursos disponiveis, conservação dos proprios communaes como parques e jardins. Nas comunidades ruraes extender-se-ia o inquerito á superficie do solo aravel, productos agricolas, communicações, mercados, cooperativismo, trabalho e suas condições, inter-dependencia da vida urbana e rural, materias primas, mineraes, e á paysagem. Nas cidades, o investigador indagaria das profissões exercidas na communhão social, condições da vida e tra-

balho, organização dos serviços publicos, supprimento de utilidades.

Para não alongar — o inquerito procederia sobre tres directrizes:

(I) População e recursos, (II) aproveitamento do meio, capacidade de manutenção e formas normaes de trabalho, e (III) serviços á comunidade na conservação do patrimonio commum e na cooperação com os vizinhos por contiguidade ou por interesses mutuos.

(c) As correlações da familia e da vida domestica seriam analysadas por processo semelhante. O ponto de vista socio-pedagogico seria este. — a familia é numericamente a maior organização da humanidade. Os Estados Unidos tinham, em 1920, 25 milhões de lares para 110 milhões de habitantes. O exito bom ou mal da escola depende em grande parte das attitudes da familia para com a educação. Cumpre obter informações exactas sobre a familia e a vida domestica, para os fins de educação: o numero, constituição, condições economicas, habitação, aparelhamento domestico, regimen familiar, protecção e cuidado da infancia, relações entre os parentes, causas de desmantelo dos lares e sua frequencia, relação entre o custo de vida e recursos da familia, assistencia medica, social e judiciaria á familia e á infancia, cooperação mutua e com os poderes publicos.

(d) De igual maneira procederemos na avaliação dos meios de recreação e cultura, estudando o temperamento popular, os centros de recreio, as formas de diversões e a industrialização destas, institutos philanthropicos, os typos de cultura physica, mental e moral existentes ou ausentes, na comunidade. E' claro que nesta area de centros de interesse chegamos a tocar no vivo do problema real em pedagogia — a formação do character.

ORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO — E' claro que o organizador de um programma de educação terá por esse processo conseguido possuir-se do «sentido da comunidade» que é o «controle» social da educação. Seu archivo conteria além do cadastro social, a documentação de «experiençias» vividas no ambiente (*Life situations*) — os casos concretos observados na clinica social, os quaes comprehendem não só as fichas resultantes dos varios tests psychologicos, mas ainda situações moraes, imponderaveis, mas ás vezes de uma realidade tragica que emprestam á escola um papel social diverso do do hospital e da prisão.

O educador está agora seguro de que a educação não é um processo de transmitir conhecimentos, de metter na cabeça do alumno uma lista de materias. O que se trata, de facto, é de modificar os seres humanos, tornando-os melhores do que eram, nas suas relações com terceiros, nos seus conhecimentos de ordem intellectual, na sua capacidade de acção para exercer funcções reaes na vida como individuos e como factores da communhão social (Ryan). O centro de interesse pedagogico na escola deslocou-se da materia a ensinar para o proprio alumno, que passa a ser o centro do programma todo de educação. «O processo de educação é, agora, o desenvolvimento dos potenciaes da vida, quer dizer, a experiencia actual do individuo e da sociedade terá de ser o nucleo das materias e methodos e materias que constituem o processo. Em torno desse nucleo agrupam-se a experiencia passada da humanidade — a historia, a poesia, a arte e outros materias e methodos que conduzem a experiencia humana a sua mais nobre expressão» (Barclay).

A esse agrupamento de experiencias com finalidade educativa, é que a tecnologia americana denominou *curriculum*.

Barclay define: «Curriculo: pois, não é um livro ou uma serie de livros, mas a *actividade do alumno e sua experiencia no estudo do livro*; não é tanto o esboço de um projecto de trabalho, não é o plano para ensinar aos alumnos a apreciar a belleza do céu estrellado ou uma linda gravura, é o *lucro liquido da experiencia e a expressão della resultante*. No boletim da Associação Nacional de Educação dos Estados Unidos encontra-se ainda a seguinte definição: «O curriculo incluye todas as actividades e experiencias estimuladas pela escola, por meio das quaes os alumnos aprendem a participar efficazmente da vida civica, e na qual cada um se desenvolve harmonicamente de forma adequada (Bulletin, vol. VI n.º 1 pg. 20). Summariamente, «as actividades dos alumnos constituem seu curriculo. A actividade integral do alumno está comprehendida nesta definição (Memorias do Dept. da Superintendencia da Educação, E. Unidos, p. 50).

O processo didactico transforma-se em uma reconstrucção da experiencia do alumno, cooperando com este o mestre. Os centros de interesse no processo didactico são seeleccionados no circulo de experiencias documentadas em funcção do meio social ambiente. A educação, que era outr'ora livre, desarticulada da vida, relacionada com um mundo ficticio, entra no terreno das realidades vivas.

Segue-se que, para determinar-se o methodo especifico de ensino em um dado momento, teremos de nos socorrer da maneira pelo qual os conhecimentos emergem da experiencia e voltam enriquecidos a encorporar-se a ella (Barclay). E' pois, indispensavel que o programma de educação e o processo didactico comprehendam a totalidade da experiencia do alumno e tenha um centro organizador, que é, ainda o repetimos o «sentido da comunidade», pelo qual o educando se integra na vida communal e na experiencia genetica.

NECESSIDADE DE ADAPTAÇÃO — Deste conceito da educação resulta que o fetiche da uniformização do ensino, em todos os grãos, é incompativel com a escola moderna. E' imprescindivel a flexibilidade dos cursos para que a escola não se isole da vida. Isso indica-nos o caminho a seguir para a reconstrução radical do systema de educação. Não ha, praticamente, um curriculo que sirva o *hinterland* do Brasil e para os centros densamente povoados. A escola rural é necessariamente outra que a urbana, e a do Districto Federal necessariamente terá de ser diferente da do Rio Grande do Sul ou do Amazonas.

O principio da adaptação exige que os programmas de ensino sejam flexiveis, expansivos e elasticos. O principio de economia exige que a materia do curriculo seja constituída das reacções de maior valor educativo, a saber, «as que contribuem para que o alumno, em cooperação com outras pessoas, entre em acção com a finalidade de effectuar reflexivamente algum trabalho de valor. Para isso cumpre que as actividades educativas sejam: (I) Adaptadas á capacidade do alumno. (II) Plethoricas de problemas que revelam á consciencia de cada alumno as relações, as responsabilidades, as funcções implicitas na vida, que requerem meditação e estudo e que se prestem á expansão illimitada do seu ser. (III) Sociaes ou compartilhados com outrem. (IV) Prolação do acervo de experiencias do educando para que os seus principios de character cheguem a ser um factor dominante de sua conducta (Barclay).

E', pois, mister que o educador oriente a sua actuação pedagogica pelos dados que lhe forneçam as varias fichas do *curriculum vitae* do educando.

Deixaremos de tratar dos elementos anthropopsychologicos referentes á situação physiologica e mental do alumno, que será tratada superiormente pelos especialistas que

discutirão aqui o assumpto, para alludir rapidamente a outros elementos educativos que não devem ser olvidados.

AREAS DA EXPERIENCIA HUMANA — Ainda não se acham convenientemente estudadas e classificadas as areas em que surgem as mais variadas experiencias onde se encontram os centros reaes de interesse para o processo didactico. Ha, todavia, já alguma contribuição sobre este assumpto. Devemos ao Prof. Barclay um instrumento de pesquisa, que nos serve de base para a classificação das fichas de experiencias, a que os pedagogos americanos denominam *life situations*.

Nesse instrumento estão provisoriamente agrupadas cerca de 1500 situações, dentro de onze areas de experiencia, que são: (I) *Actividades relacionadas com a saude* (a) concernentes ao bem estar real do corpo. (b) Hygiene mental — a formação de attitudes sadias para consigo mesmo e para com a sociedade, em função das seguintes relações: (1) Pessoas; (2) Familiares; (3) Escolares; (4) Religiosas; (5) Communes; (6) Inter-communes e internacionais. (II) *Actividades educativas* — concernentes á eficiencia e capacidade mental e cultural. (III) *Actividades economicas* — comprehendendo as relações commerciaes, valor e uso da moeda, produção e consumo. (IV) *Actividades profissionais* — oriundas da vocação ou serviço que cada um tem a executar como parcella do trabalho global para o enriquecimento do patrimonio humano. (V) *Actividades civicas*. (VI) *Recreio* — comprehendendo o bom emprego dos lazeres, diversões, jogos, leituras (VII) *Vida sexual — procreação e vida domestica*. (VIII) *Vida gregaria* — no que não estiver incluido nas outras dez areas especializadas. (IX) *Amizades*. (X) *Esthesia* — apreço e gozo do bello. (XI) *Religião*.

Em cada uma dessas areas as experiencias mais variadas entram nos seis sub-grupos enumerados sob o titulo da primeira. Dest'arte é possível catalogar e correlacionar qualquer observação que tenha de ser utilizada como documento de uma situação real vivida. E, no momento preciso, quando emerge da experiencia do educando a necessidade de um conhecimento novo, educador e educando entram em contacto com as fontes a que o educando deve ser conduzido afim de conseguir a sabedoria necessaria para interpretar e controlar a sua experiencia pessoal (Barclay). Essa interpretação e controle remetem-nos a um outro instrumento

ainda não aperfeiçoado e em elaboração em varias partes do globo. E' a escala seguinte:

TRAÇOS DE CHARACTER, IDEAES E ATTITUDES — Não podemos dar aqui mais que o eschema, *grosso modo*, de um valiosissimo auxiliar da educação. Constitue esse instrumento uma lista das qualidades, virtudes, que ornarn o character humano, em confronto com os vícios oppostos, mas analyticamente estudados *in vivo*, mediante uma dissecação positiva e outra negativa da situação moral em fóco.

Tomemos, por exemplo, o *espirito cooperativo*. Analyseemos as suas componentes: (I) espirito servical, (II) o desejo de repartir com outrem o que possuímos, (III) a capacidade de acção em conjuncto (*teamwork*).

Correspondem a essas qualidades de character certas attitudes pessoais, como: (I) a submissão dos interesses pessoal bem estar commum do grupo; (II) repartir, dar e receber na mutualidade social; (III) desejo de ajudar a outrem e accordo na focalização do objectivo da acção conjuncta.

Os oppostos seriam (I) rivalidade, (II) desharmonia, (III) o individualismo, a que corresponderiam tambem attitudes negativas.

Na producção da obra prima dos processos educativos — o character humano — é claro que não ha de fugir ao imperativo categorico que os ideaes modernos na educação impõem a todos quantos tenham uma contribuição a fazer á grande cruzada da educação nacional, a saber, abandonar a rotina e enveredar resolutamente pela via que nos indicam os factos lentamente accumulados pela observação e experiencia.

Esta synopse desalinhada em que tentamos demonstrar a importancia dos elementos psychosociologicos como factores essenciaes na integralização de uma formula racional de educação, poz em relevo os seguintes factos:

A educação é um phenomeno vital, cujo significado e valor só são de facto apreciaveis pelo «sentido da communiidade». Este resulta de profundas sondagens e pesquisas no meio ambiente. Avaliados por seu intermedio, os interesses essenciaes da humanidade, assentam estes em quatro grupos: saude, meio, lar, recreio. Os programmas de ensino efficiente terão no complexo social de adaptar-se ás necessidades vitaes do educando, em funcção do meio ambiente e das suas relações sociaes. O individuo integrado pela educação ra-

cional nas suas correlações vitais com o meio, torna-se um ser social capaz da felicidade como contribuinte ao patrimonio da raça humana.

Summary In this lecture are stressed same fundamentals of education: The aim of education is life, a more abundant life in its social correlations: education is pupil-centered, not subject-centered; curricula are not a list of subjects and books, but consists of all the educational factors in life; the coordinating center and control of education is the sense of the community life.

This controlling element of any system of education is determined through a survey of the community.

The four essentials of education are: health, environment, home and re-creation (T. Jesse Jones) Questionnaires to find out what are the social values and needs in is to be served by the school system, are sketched.

This social survey and the data furnished by the psychological measurements point out what are the adaptations needed in the curricula to make education efficient in terms of community life, and bring out the chief centers of interest in the areas of human interest represented in the experience of the community.

Life situations as documents of human experience in the community life should be collected to furnish educational materials for character forming activities, character being the finished product of education.

SUBSIDIO PARA A ADAPTAÇÃO BRASILEIRA DOS TESTS DE BINET-TERMAN

POR

ERNANI LOPES

Psiquiatra da Assistência a Psychopathas.
Membro Honorario da Academia Nacional de
Medicina e da Liga Argentina de Hygiene
Mental. Membro correspondente da Academia
Americana de Sciencias Moraes e Politicas e
da Sociedade de Medicina Mental de Paris
Presidente da Liga Brasileira de H. Mental.

Em conferencias que realizamos em setembro de 1927 na Liga Brasileira de Hygiene Mental e na Liga Paulista, conforme o extenso resumo, de cerca de 4 columnas, publicado pelo «Jornal do Commercio» de 17 do mesmo mez e anno, tivemos ensejo de fazer minudente apreciação critica das varias traducções e adaptações portuguezas e brasileiras da escala de Binet, de que tinhamos conhecimento até áquella data. Alludimos tambem, de passagem, as adaptações que conheciamos em francez e castelhano, da revisão Stanford da escala. Nesse ultimo idioma, de tão notavel semelhança ao nosso, foi recentemente publicada uma excellente adaptação, de autoria do Dr. José Germain e da Srta. Mercedes Rodrigo, de Madrid, com prologo do Professor Gonzalo Lafora. Essa obra é bastante conhecida em nosso meio psychopedagogico, outrotanto não succedendo, sem embargo, com duas outras adaptações, a peruana e a chilena, aquella realizada em 1924, pelos Srs. Drs. Luis H. Bouroncle e E. Ponce Rodriguez, de Lima, e esta, em 1928, pelo Dr. Luis A. Tirapegui, de Santiago do Chile. Incluindo aqui essas indicações que hão-de ser de utilidade para os especialistas, cumprimos o grato dever de assignalar nos terem sido as mesmas proporcionadas pelo illustrado psychologo uruguayo. Professor José Montaner, membro correspondente, em Montevideo, da Liga Brasileira de Hygiene Mental.

Quanto á nossa adaptação, resolvemos, emfim, dal-a á publicidade, por nos havermos convencido de que não podiamos proceder de outra maneira. Em primeiro lugar já

tem sido annuciado, em nosso paiz e fóra d'elle, que realizámos o referido trabalho. Ainda agora nos chega dos Estados Unidos um opusculo da lavra do Sr. A. Alonso, publicado no «Boletin de la Union Pan-Americana», 64, V, sobre «Pruebas mentales y pedagogicas en Ibero-America», em que o autor dá como um facto assentado termos nós traduzido e adaptado Binet-Terman para o portuguez.

Accresce, em seguida, a circumstancia de que, embora as falhas do nosso trabalho, outros surgem sobre o mesmo thema, em nosso meio, que lhe são flagrantemente inferiores. Haja vista uma traducção vinda a lume, o anno passado, em paginoso tratado de «Pedagogia Scientifica», na qual o autor se limita a trasladar, de modo servil, para o nosso idioma, a interessante adaptacção franceza de Claparède, sem attentar sequer em alguns lapsos, de apprehensão facilima, que escaparam ao notavel mestre suiso. (Cf. 4.º test de ad. sup.). Por fim, cabe-nos declarar que desde já pensamos em uma 2.ª edição, melhorada. Para isso teremos real satisfacção em attender a todas as criticas que nos sejam endereçadas, depois de ser dada á estampa a edição actual.

CONDIÇÕES EXPERIMENTAES

O local adequado ao exame pelos tests deve ser uma saleta tranquillá, aonde não cheguem os ruidos da rua, ou quaesquer outros elementos de distracção, desprovida de quadros,apparelhos, etc.

De um modo geral, consoante o rigor da technica, não deverá haver nenhuma pessoa extranha presente ao exame, mas é uso fazer-se o examinador acompanhar de um discreto assistente, para registrar as respostas.

Nas escolas, o examinador poderá eventualmente pedir ao Director um alumno das series mais adiantadas, para fazer as funcções de seu assistente *ad hoc*. Nos casos de exames de meninas é, sobretudo, indicado não prescindir de um assistente para evitar os maos momentos que podem algum dia resultar para o examinador das accusações de alguma jovem mythomaniaca (mentirosa ou calumniadora pathologica).

Antes de tudo, deve o examinador captar a confiança do examinando e vencer a sua timidez. Geralmente bastam para isso uns cinco minutos, nos quaes o examinador toma os dados relativos ao *curriculum vitae* do examinando, inda-

gando, outrosim, de suas preferencias nas varias disciplinas escolares, diversões, etc.

Para se obter um resultado satisfactorio do exame, nada contribue mais do que o elogiar o esforço da criança. Em circumstancia alguma, deve o examinador dar mostras de desprazer, por mais absurda que seja a resposta do examinando. Com os examinandos já crescidos impõe-se, entretanto, especial circumspecção por parte do examinador, pois a suspeita de que os estejam enganando, embora com elogios — pôde trazer a inibição dos pacientes.

Não serão submettidas aos tests as crianças fatigadas por excessivo estudo, exercicio, ou recreação, nem tão pouco as que estejam visivelmente somnolentas, nem ainda as que demonstrem grande má vontade ou irritação.

Embora se deva sempre animar a criança, dando-lhe a entender que ella poderá responder correctamenté, si quizer fazer a tentativa, é preciso não incidir no mau veso de arrancar respostas, a força de solicitações e rogos.

Duração do exame — O lapso de tempo que deve durar cada exame, em media, nas varias edades é, segundo Terman, o seguinte:

Crianças de	3 a 5 annos	25 a 30 minutos
»	» 6 a 8 »	30 a 40 »
»	» 9 a 12 »	40 a 50 »
»	» 13 a 15 »	50 a 60 »
Adultos		60 a 90 »

Nas medias supra-enumeradas acha-se incluindo o tempo necessario para a conversação preliminar, destinada a captar a confiança do examinando. Em casos em que as respostas, sem motivo apparente, comecem a ser muito demoradas, ou em desaccôrdo chocante com as anteriores (emoção, pseudo-fadiga) é licito adiar o resto do exame para outro dia. E' tambem permittido interromper o exame por uns dez minutos, durante os quaes o examinando se retira da sala e faz um pequeno passeio, para eventualmente recobrar a sua calma de espirito. Jámais, entretanto, se interromperá o examinando para lhe explicar quais os seus desacertos. Será, sempre, aliás, preferivel deixar de fazer conhecidas as soluções dos tests, porquanto «test divulgado é test inutilizado».

No proposito taylorista de não perder tempo, executando actos inuteis, deve o examinador dispôr, sempre, previamente,

tudo o seu material do modo mais methodico possível. As moedas estarão guardadas em caixinhas rotuladas. As estampas, côres, sellos e desenhos estarão montadas em folhas de cartolina, podendo ser usada a mesma pratica em relação ás series de phrases, algarismos, fabulas, etc. (1)

Extensão da area examinada. — Fóra dos casos em que ha razões para esperar franco retardamento mental, deve o exame ser iniciado submettendo-se a criança aos tests correspondentes á idade immediatamente inferior á sua idade chronologica. Caso o paciente não resolva todos os referidos tests, descer-se-á mais um anno na escala, e assim se procederá até encontrar uma idade em que todos os tests sejam respondidos correctamente. De modo analogo, para encontrar o limite extremo superior da escala a que o examinando possa attingir, subir-se-á até encontrar uma idade na qual o examinando não consiga resolver test algum. A distancia entre esses dois extremos da escala é o que os americanos denominam «scope», expressão que acreditamos possa ser traduzida em portuguez por «oscillação», pois é a imagem perfeita de uma oscillação pendular entre os dois limites da escala a que nos parece, no caso, mais expressiva.

Excusa dizer que com creanças normaes não é, em regra, necessario chegar a este requinte de perfeição, para o que, aliás, tem de ser por certo prolongada a duração do exame psychometrico. Bastará descer até á idade em que ha uma falha unica e subir até á idade em ha um unico test resolvido. Tratando-se, porém, de anormaes, cujos exitos e falhas não raro se dispersam irregularmente, atravez da escala, torna-se imprescindivel verificar os limites da «oscillação».

Ordem de apresentação — Outro ponto digno de nota é o que diz respeito á ordem em que devem ser apresentados os tests. Não ha necessidade absoluta de obedecer á seriação em que se acham elles dispostos na escala. Verificando-se haver embaraço, por parte do examinando, em responder aos primeiros tests que lhe são dados — como não poucas vezes succede com os tests de linguagem e de memoria — convém recommençar o exame, administrando de preferencia provas de conhecimentos adquiridos e de apreciação de assum-

(1) A Liga Brasileira de Hygiene Mental tenciona adquirir de um dos seus mais distinctos consocios os direitos para a publicação, no Brasil, do «record booklet» de Terman.

ptos concretos, como os tests com gravuras, pesos, sellos, laçadas, côres, moedas, dobraduras de papel, etc.

José Germain suggere que, em regra, numa primeira secção, se use apenas o test do vocabulario, — dos oito annos em diante — por ser facil, interessante e dos mais «classificadores». dando, pois, logo, idéa approximada do nivel mental do examinando.

No que respeita, entretanto, ás instrucções referentes a cada test, nunca se insistirá bastante sobre a necessidade de serem ellas seguidas ao pé da letra. Quem deseje, portanto, applicar os tests deverá, antes de tudo, assenhorear-se perfeitamente da technica, o que exige muitas secções de pratica, nas primeiras das quaes será recommendavel recorrer ás instrucções impressas, em ordem a esquivar enganos ou erros, antes de se tornarem habituaes.

Tests supplementares — No tocante aos tests supplementares (ou substitutivos) cumpre accentuar que o seu emprego só se justifica quando, por circumstancias eventuaes, ou imprevistas — como sejam: a falta, ou a inutilização occasional do material preciso para um dos tests regulares do anno, a certeza ou a suspeita de que o examinando foi informado da solução de uma das provas — tem o examinador de prescindir de alguma d'estas. *Nunca, porém, será licito javorecer o examinando, creditando-lhe o exito em um test suplementar para compensar o fracasso em uma prova regular.* Certamente, em casos excepcionalissimos será legitimo transgredir esta regra. Assim, no X anno, póde permittir-se o uso de um dos tests supplementares em vez da prova de leitura (X, 4), quando o examinando não tenha mais de dois annos de escolaridade. No VIII anno, poder-se-á usar o test suplementar das seis moedas, em vez do test do vocabulario, si o examinando proviér de um meio onde não se fala exclusivamente o portuguez. No VII anno, talvez seja, por vezes, justo recorrer ao test suplementar, ao envez de dar o test da copia do losango, quando o alumno, por timidez, não se decide a traçar essa figura geometrica. Na maioria dos casos, porém, de persistente silencio, não deverá haver transigencia, diz Terman, a nota deve ser — (*minus* — negativa).

Avaliação das respostas — Na avaliação das respostas de cada test os simples signaes mathematicos de mais e menos, ou «plus» e «minus» (+ e -), sem outras explicações,

não bastam. Sempre que possível, a resposta deve ser por inteiro registada e archivada. Quando não haja auxiliar para esse trabalho, e a criança se impaciente, póde o psychologo, sob sua responsabilidade, e para seu uso, usar sómente os signaes. Nesses casos, o exito será marcado (+), a falha (-), o meio ponto, ou meio credito ($\frac{1}{2}$). As respostas optimas poderão ser indicadas por (+++) e as pessimas por (---). Quando haja leve duvida sobre o exito ou falha, poder-se-á accrescentar o classico ponto de interrogação ao (+) ou (-). Em regra, convém evitar tanto quanto possível os meios pontos. A nota merecida pelas varias provas deve ser escripta pelo examinador, na folha de exame, immediatamente após a administração de cada test. O registo do tempo gasto deve tambem ser annotado, desde que as instruções o exijam. Cumpre, a proposito, lembrar que o examinador deve achar-se, sempre, munido de um chronographo de bolso, antes de começar os exames.

Calculo da idade mental (E. M.) — Terman admite, como é sabido, uma forma completa e uma forma abreviada de sua escala, praticamente equivalentes.

Para a «forma completa» a avaliação em mezes, para cada anno, é a seguinte:

Do anno III ao anno X cada test = 2 mezes de idade mental

No anno XII cada test = 3 » » » »

No anno XIV cada test = 4 » » » »

No anno XVI (adultos medios) cada test = 5 mezes de idade mental

No anno XVIII (adultos superiores) cada test = 6 mezes de idade mental.

Para a «forma abreviada» (de que só fazem parte os tests marcados adiante com um asterisco) a avaliação em mezes é a seguinte, para cada anno da escala:

Do anno III ao X inclusive: 6 tests por anno, á razão de tras mezes de E. M. cada um.

Anno XII: 6 tests de 4 mezes de E. M. cada um.

Anno XIV: 4 tests de 6 mezes de E. M. cada um

Anno XVI (adultos medios): 4 tests de 7 mezes e $\frac{1}{2}$ de E. M. cada um.

Anno XVIII (adultos superiores): 4 tests de 9 mezes de E. M. cada um.

De posse d'esses dados torna-se muito facil calcular a idade mental. Vejamos como se procede. Creditam-se primeiro á pessoa examinada os tests por ella resolvidos, e addicionam-se-lhe os que antecedem a ultima idade em que foram por ella resolvidos todos os tests. Si um alumno, por exemplo, resolver, na forma completa, todos os tests do IV anno, 5 tests do VII anno, 3 do VIII anno, 2 do IX e um do X anno, dever-se-á addicionar a esse total, que vale trinta e quatro mezes, (2 annos e 10 mezes) o credito de 5 annos, pois foi o VI anno a ultima idade em que o alumno resolveu todos os tests. E, assim, o credito total d'esse alumno ficaria sendo de 7 annos e 10 mezes.

Si, por circumstancias occasionaes, succeder que seja omittido algum test de uma idade qualquer, não se vai por isso considerar o exame de todo inaproveitavel, devendo-se, então, recorrer á noção de probabilidades, de modo que um exemplo esclarecerá. Supponha-se que a um examinando sómente foram dados 4 dos 6 tests de uma idade determinada, e que d'estes elle resolveu dois. A probabilidade, na especie, é que, si lhe tivessem applicado os 6 tests, teria elle resolvido 3, isto é, a metade. E' manifesto, pois, que, quando fôr um test omittido, dever-se-á conceder um valor proporcionalmente maior ao que forem usados. Si as 6 provas fôrem integralmente applicadas numa idade inferior a XII annos, cada uma valerá 2 mezes. Si apenas 4 fôrem usadas, cada uma valerá 2 mezes e $\frac{4}{10}$ de mez ($12 \div 5 = 2.4$). Si no XII anno, são usados sómente 6 dos 8 tests, cada um d'elles terá o valor de 4 ($24 \div 6 = 4$). Si, no «adulto medio», forem dadas apenas 5 das 6 provas, cada uma d'ellas valerá 6 mezes, em vez de 5. Si, no «adulto superior», sómente fôrem applicados 5 dos 6 tests, passará o valor de cada um d'elles a ser de 7 mezes e $\frac{1}{2}$ ($36 \div 5 = 7.2$). Para a forma abreviada da escala já foram referidos ácima os valores de cada test.

Quociente intellectual (Q. I.) — O simples conhecimento da idade mental não nos diz tudo o que desejamos saber da intelligencia do examinando. Basta attentar em certos factos. Assim, o retardamento de um anno é grave, quando se verifica em uma criança de 3 annos, sendo, entretanto, quasi destituido de significação quando verificado em outra de 10 annos. O retardado de um anno aos 3 annos, terá provavelmente, um atraso de 2 annos aos 6 annos, de 3 aos 9 annos e de 4 aos 12 annos.

Cumpre-nos, portanto, conhecer a relação existente entre a idade mental (E. M.) e a idade chronologica (E. C.). Ora, como se sabe, essa relação é que constitue o quociente da intelligencia: $\frac{E. M.}{E. C.} = Q. I.$ Para facilitar a divisão, numerador e denominador serão expressos em mezes. A divisão deverá ser levada até aos centezimos, omitindo-se, porém, convencionalmente, a virgula no resultado. O quociente intellectual médio, theorico, é igual a 100. Praticamente, porém, os individuos normaes, ou médios, enquadram-se entre 90 e 110. Seguem-se, em escala descendente, os «rudes» de intelligencia, entre 80 e 90, os limitrophes e debeis mentaes «superiores», entre 70 e 80, os debeis mentaes caracterizados, entre 50 e 70, os imbecis, entre 25 e 50, os idiotas, abaixo de 25, e, em escala ascendente, as intelligencias superiores á média, entre 110 e 120, os talentos, entre 120 e 140 e os supra-normaes genuinos, ácima de 140.

Attendendo a que a curva do crescimento mental, quanto á intelligencia natural, ou innata, muito pouco progride além dos 16 annos, fixou Terman nessa idade o limite superior, chronologico, da intelligencia. Quando, portanto, se tenha de calcular o Q. I. de um adulto, deixarão de ser contados os annos que tenha elle vivido além da idade de 16 annos. Si um joven de 18 annos e um velho de 60 tiverem ambos uma idade mental de 12 annos, o Q. I. é, num e noutro caso, igual a 75 ($12 \div 16 = 0,75$).

Para maior facilidade dos calculos, quando se trata de exames numerosos, devem recorrer os technicos ao uso de reguas logarithmicas, taboas de divisão, ou machinas de calcular.

A noção de constancia do Q. I. nas varias phases vitaes, acha-se, de um modo geral, satisfactoriamente comprovada, e constitue, sem duvida, um dos melhores argumentos em abono do valor da escala de Binet-Terman.

Considerações supplementares — Não existe nenhum test, accentúa Terman, que possa ser considerado, pura e simplesmente, uma prova de intelligencia natural, ou innata. Sempre terão occorrido condições pessoaes de experiencia e de tréinamento, graças ás quaes uma intelligencia dada produzirá melhor trabalhando com certa classe de material do que com outra. Essas razões explicam a dispersão dos exitos e das falhas, através da escala, facto que não raro intriga e perturba o examinador inexperiente. Do exposto decorre a ne-

cessidade de accrescentar ao exame mental as principaes informações educativas e ambientaes que possam ter actuado sobre o examinando.

1. Estado social (muito elevado, elevado, medio, inferior, infimo).
2. Avaliação da intelligencia do alumno pelo professor (muito elevada, elevada, media, inferior, infima).
3. Occorrencias escolares (annos de frequencia, assiduidade, retardamento, acceleração, etc).
4. Qualidade do trabalho escolar (muito elevada, elevada, media, inferior, infima).
5. Defeitos physicos, se houver (adenoides, amygdalopathias, surdez parcial, visão imperfeita, má nutrição, etc.)

Não deve, além d'isso, o examinador descurar de tomar nota do comportamento da creança durante o exame, pondo especialmente em destaque as possiveis reacções perturbadoras, como sejam o medo, a timidez, a precipitação nas respostas, etc. E' da maior importancia igualmente averiguar a idade exacta da creança.

Por fim, com o notavel mestre americano, Professor Levis Terman, cujos trabalhos magnificos jámais deveriam ser criticados pelos que só os conhecem de outiva, repetiremos que o grau de perfeição mechanica dos tests nunca poderá supprir as virtudes do bom senso e da perspicacia psychologica. Tradução livre: não entreguemos os tests psychologicos senão aos que revelarem verdadeira aptidão para usar as technicas da especialidade.

Eis aqui está a nossa adaptação:

III ANNOS

(6 tests, valendo 2 mezes cada um, ou 4 tests, de 3 mezes cada um).

III — *1) — MOSTRAR O NARIZ, OS OLHOS, OS CABELLOS, A BOCCA.

Instrucções. — Depois de procurar captar a confiança do pequeno examinando, e verificar que elle está prestando atenção, dizer-lhe, com um sorriso: «Mostre o seu nariz, F.» (o nome do examinando). Si a criança acertar, passar ás questões seguintes. Por vezes, a criança, em lugar de apontar para o nariz, para os olhos, ou para a bocca, limita-se a responder, no primeiro caso, franzindo o nariz, no segundo caso, piscando os olhos, no terceiro, movendo os labios, ou

abrindo a bocca. Embora taes respostas tambem sejam contadas como positivas, convém anotar o facto expressamente.

Não raro, é preciso certo tacto por parte do examinador, para vencer a timidez da criança. Si duas ou tres repetições da pergunta (que póde, aliás, variar na forma: «Bota o dedinho no nariz» etc.) não obtiverem resposta, apontar então para a orelha, ou para os olhos da criança, e perguntar-lhe: «E' aqui a sua bocca?» «Não?» Então, onde é?» Nos casos de ausencia de resposta, ainda se tentará verificar si a criança se decide a mostrar as partes do corpo em uma boneca. Quando haja persistente recusa em attender, por parte da criança, é melhor — neste caso e em casos analogos — adiar o test para outra occasião, e passar ao seguinte.

Avaliação. — Para approvação no test é necessario acertar *tres* das quatro questões.

III — *2) — DIZER OS NOMES DE OBJECTOS DOMESTICOS USUAES.

Instrucções. — Os objectos usados são: um *nickel*, uma *chave*, uma *tesoura*, um *relogio de bolso* e um *lapis*. O nickel deve ser de 100 reis, dos pequenos, e já usado; a chave deve ser uma chave de porta, das *commons*, não servindo, portanto, as modernas, de typo Yale; o lapis tambem deve ser dos *commons*, e a tesoura, das de costura.

O examinador, que conservará os objectos dentro de uma caixinha, irá retirando-os, um a um, e perguntando á criança: «Que é isto?» ou: «Como se chama isto?»

Avaliação. — Sómente são correctas as respostas em que o examinando diga o nome do objecto. São de menos valor as respostas em que a criança apenas demonstra conhecer o uso do objecto, (por exemplo: rabiscando com o lapis, procurando introduzir a chave numa fechadura, etc.) Classicamente, exigem-se pelo menos tres respostas correctas. Propomos, porém, que, si a criança denominar o tostão e o relógio, correctamente, e mostrar conhecer o uso dos outros tres objectos, o test, em vez de ter a nota *minus*, (equivalente a zero) tenha a nota $\frac{1}{2}$.

a) São respostas satisfactorias: para a moeda de 100 reis: cem reis, tostão, nickel, dinheiro, moeda e até vintem. — $\frac{1}{2}$ ponto: «p'ra comprá bala» e outras d'este typo.

b) Chave: Satisfactoria: «chave». — $\frac{1}{2}$ ponto: «para abrir a porta», ou o gesto indicativo do uso, desacompanhado do nome do objecto.

c) Tesoura: Satisfactoria: «tesoura». — $\frac{1}{2}$ ponto: «para cortar», ou o gesto indicativo do uso, apenas.

d) Relógio de bolso: Satisfactorias: «relogio»; «tic-tac».

e) Lapis: Satisfactoria: «lapis». — $\frac{1}{2}$ ponto: «para escrever», ou fazer riscos com o lapis. Não satisfactorias: «penna»; «caneta».

III — * 3) — ENUMERAR OS OBJECTOS DE UMA GRAVURA (1).

Material. — O material usado consta de dois quadros de Terman: a) interior de uma casa hollandeza; b) scena em um rio; e c) do jogo da cabra cega, de Bobertag.

Instrucções. — Dizer á criança: «Agora, eu vou mostrar a você uma figura bonita». Apresentando em seguida a primeira gravura á criança, continuar; «Diga p'ra mim tudo o que voce está vendo neste quadro». Si a criança não responder, por timidez, ou embaraço, repetir assim a pergunta: «Olhe bem para esta figura e diga p'ra mim as coisas que você está vendo nesta figura». Si ainda não vier a resposta da criança, dizer: «Está bem. Mostre-me onde é que está o...» (nomeando algum objecto da gravura). Sómente questões desse typo são permissiveis. Si a criança responder correctamente, dizer: «Muito bem! Agora diga o que é que voce vê nesta figura». Si o pequeno examinando nomear um ou dois objectos de uma gravura, e parar, deve o examinador estimulal-o, perguntando: «E que mais?»

Proceder do mesmo modo com todas as gravuras.

Avaliação. — + (aprovação no test) si a criança enumerar pelo menos *tres* objectos em uma gravura, *espontaneamente*, isto é, sem questões supplementares e sem estímulos além do que representa a pergunta ultima da formula. Com maioria de razão o test será + si a criança, em vez de se limitar á enumeração de objectos, fizer descripção ou interpretação das scenas figuradas nos quadros. A descripção é rara antes dos cinco annos, como o é a interpretação antes dos nove ou dez annos.

(1) Tem-se dito que, na transplantação para o nosso meio da escala de Binet-Terman, as gravuras deveriam ser substituidas por outras, *brasileiramente ambientadas*. O conceito, razoabilissimo em these, afigura-se entretanto, pouco defensavel, quando se examinam os actos, de perto. Pois, não é verdade que os norte-americanos começaram justamente por adotar uma gravura «hollandeza», para as suas crianças? Essa, pelo menos, deve ser conservada nas adaptações de todos os paizes, menos, talvez, na Hollanda, onde ia ser por demais facil, no cotejo internacional que se estabelecesse para medir tantas minucias. O criterio de universalidade parece-nos ser o ideal, na especie.

III — 4) — DIZER O SEXO.

Instruções. — Quando se tratar de um menino, perguntar: «Voce é um menino ou uma menina?» «Quando fôr uma menina: «Voce é uma menina ou um menino?»

As formulas devem ser essas, porque as crianças, muitas vezes, repetem mecanicamente a ultima palavra, sem ter comprehendido o sentido da pergunta. Si não houver nenhuma resposta, perguntar: «Voce é uma menina?» si se tratar de um menino», ou «voce é um menino?», si se tratar de uma menina... Si a resposta fôr: «Não», ou signal negativo com a cabeça, o examinador dirá: «Bom, então, você o que é? E' um menino ou uma menina?», ou vice-versa.

Quando necessario, peça-se á criança que fale alto, para perfeita percepção da letra final da palavra menino, designadora do seu genero masculino, ou feminino. Esta difficuldade não existe em inglez (*boy girl*) nem em francez (*petit garçon, petite fille*). Por isso, antes de dar o test como negativo, aconselhamos que se pergunte: «Você é rapazinho?»

Avaliação. — Não devem ser aceitas senão as respostas que mostrem de modo indiscutivel saber a criança qual é seu sexo. As respostas como: «Sou», «Não», ou os signaes de cabeça, devem ser sempre sujeitas á caução.

III — 5) — DIZER O SOBRENOME.

Instruções — Perguntar á criança: «Como é o seu nome?» Si a resposta, como muitas vezes acontece, mencionar sómente o primeiro nome (João, por exemplo), dizer: «Sim, mas qual é o seu outro nome? João de que?» Caso ainda não se obtenha a resposta correcta, insistir deste modo: «Seu nome é João... (dar um nome imaginario, Pereira, Silva, etc.). A esta ultima pergunta é dada quasi sempre resposta correcta, quando a criança sabe, de facto, qual é seu sobrenome.

Avaliação. — Considere-se correcto o sobrenome do padrao, da mãe illegitima ou da pessoa de que a criança depende como si fôra filho. (Izaías Alves).

Não se levem em conta os defeitos de pronuncia.

Observações. — Alguns autores ainda duvidam de que o lugar justo do test seja o III anno, pelo menos nos Estados Unidos. Terman, que acha a duvida pouco justificada, observa, entretanto, que, se assim fôr, o facto pouco influirá,

pois um ponto vale apenas dois mezes na classificação, sendo o conjuncto que dá valor ás provas.

III. — * 6. — REPETIR PHRASES DE SEIS E SÉTÉ SYLLABAS.

Instrucções. — Começar pedindo ao examinando que repita uma palavra usual de tres syllabas: «F., nome da criança) quero que você diga a mesma cousa que eu vou dizer. Diga: (com expressão) «gatinho». «Muito bem, F., agora diga outra cousa que eu vou dizer: (com expressão, distintamente e não muito devagar) «Eu gosto de brincar». Quando não haja resposta, a phrase pôde ser repetida 2 ou 3 vezes. Passar então ás outras phrases da prova: «Tenho duas bonecas». «Tomei café com leite».

Faz-se necessario, ás vezes, muito tacto para obter a cooperação da creança neste test. Quando o resultado offereça duvidas, adopte-se o test supplementar dos tres algarismos.

Avaliação — O teste considera-se — quando a creança repetir, sem erro, pelo menos uma das tres phrases, após uma só audição. «Sem erro» quer dizer sem emissão, addição, ou transposição de palavras. Não se levem em conta quaesquer defeitos de articulação e de pronuncia, desde que taes defeitos não nutilhem a phrase a ponto de a tornar irreconhecivel.

III. — TEST SUPPLEMENTAR) — REPETIR TRES ALGARISMOS NA ORDEM DADA.

Instrucções. — «Escuta, F., (nome da creança) eu quero que você repita o que eu vou dizer: «4—2». Si a creança repetir: «Bem, agora quero que você diga: «5—4—1—.» «Bem, e agora diga: «3—2—9». «E agora: «8—3—7».

Pronunciar os algarismos com voz distincta, á razão de um por segundo, ou um pouco mais rapidamente que um por segundo (1) (O examinador se exercitará para isso previamente com um chronographo de bolso). O examinador pôde repetir a primeira serie de tres algarismos varias vezes até obter uma resposta que, entretanto, não será contada como certa, pois a repetição é feita sómente para decidir a creança a quebrar o mutismo. A 2ª e a 3ª series serão ditas pelo examinador apenas uma vez.

(1) Binet recommendava que se dissessem dois por segundo. Terman verificou que era demasiado rapido

Avaliação — O test será — quando a creança repetir correctamente *pele menos uma das tres series dadas, após uma unica audição*. Não sómente todos os algarismos terá o examinando que repetir, mas tambem tem que os repetir na ordem dada.

IV ANNOS

(6 tests, de 2 mezes cada um, ou 4 tests, de 3 mezes cada um).

IV. — *1) — COMPARAR A EXTENSÃO DE DUAS LINHAS RECTAS.

Instrucções. — Apresentar á creança o cartão (1) com as linhas, ficando estas em posição horizontal.

Apontar para as linhas e dizer: «Olhe para estas linhas; olhe bem, e diga qual é a maior. Aponte com o dedo a maior». Si a creança não responder, diga: «Mostre-me qual é a mais comprida destas linhas». Tome-se o cartão, dê-se-lhe algumas voltas, debaixo da mesa, e, apresentando-o de novo, com as linhas em posição inversa, diga-se á creança: «Mostre, agora, qual é a maior». Vire-se o cartão, apresentando-o ainda uma vez, em outra posição.

Avaliação. — As tres comparações devem ser correctas. Si apenas 2 o forem, os tres pares serão mostrados de novo, exactamente como da 1.^a vez, e si desta vez não houver erro, o test será —. A notação para o test será, pois, ou 3 respostas certas em 3, ou 5 em 6.

Quando a creança apontar para o cartão de um modo vago, em que se possa perceber para qual das linhas aponta, é necessario repetir a experiencia até tornar-se evidente o acerto ou o desacerto.

IV. — 2) — DISCRIMINAR FORMAS GEOMETRICAS.

Instrucções. — Usar o cartão do material de Terman que tem figuras de formas geometricas. Primeiro collocar o circulo no ponto marcado por um X, e dizer: «Quero que você me mostre *uma igual a esta*», passando ao mesmo tempo o dedo pela circumferencia do circulo.

Observações. — Segundo Binet-Terman o exito depende

(1) Não se dispondo do cartão de Terman, basta traçar, a tinta, num cartão, duas linhas rectas, das quaes a maior, situada mais abaixo, tenha seis centímetros, e a menor cinco. Os centros de ambos serão na mesma vertical. A distancia de separação entre uma e outra será de um centimetro. A espessura dos traços será de um millimetro.

neste test mais da compreensão das instrucções verbaes do que da possibilidade de comparar. Uma creança que sem vacillação escolhe um doce, por ser maior do que outro, pôde, ás vezes, falhar no test. A necessidade de repetir um acto tres ou cinco vezes seguidas requer certa dose de *dominio voluntario dos processos mentaes*, e essa é precisamente a differença que muito bem se observa entre os deficientes mentaes e os normaes. Si a creança não responder, dizer-lhe: «Você está vendo todas estas figuras, (apontando para as varias figuras), não é? Está vendo esta? (apontando para o circulo). Pois, agora procure uma igual a esta». Apresentar em seguida o quadrado, o triangulo e as outras figuras. Corrigir o primeiro erro da creança, dizendo-lhe: «Não, procure uma iguaisinha a esta (passando o dedo de novo em torno da circumferencia, no ponto (X)). Si houver outros erros, não fazer correccão alguma, e proseguir a prova com as outras figuras. Ao contrario, toda vez que a creança acertar, deve o examinador mostrar-se satisfeito, dizendo-lhe: «Muito bem, ou coisa semelhante».

Avaliação. — O test será + si estiverem certas sete das 10 experiencias, sendo que o primeiro erro corrigido deverá ser contado entre os acertos.

Observações. Este test foi inventado e estalonado por Kuhlmann e comprovado por Terman. Já não é propriamente a compreensão (como em IV, 1) o que está em jogo, aqui, mas, sim, a capacidade para fazer comparações e ter percepções visuaes de fórmias.

IV. — * 3 — CONTAR QUATRO NICKEIS DE TOSTÃO.

Instrucções. — Collocar quatro nickeis de 100 rs., dos modernos, em fila horizontal, sobre a mesa, diante da creança, e dizer-lhe: «Você está vendo aqui estes tostões, não é? Conte e diga quantos são. Conte com o seu dedo, assim»: (apontando para o primeiro á esquerda da creança) «Um...» «Agora, conte os outros». Si a creança disser simplesmente o numero, (certo ou errado) sem apontar, dizer-lhe: «Não; quero que você conte com o seu dedo, assim: (apontando como antes) — «Um...» — E é preciso que a creança conte em voz alta, não apenas balbuciando.

Avaliação. — O test sómente será + quando o acto de contar oralmente coincidir com o gesto de apontar para os tostões.

Observações. — Terman, contra a opinião commum, como Boder accentua, acha que nesse test não influe a «instrucção» de caracter escolar. De facto, a quasi totalidade das creanças normaes desta idade examinadas pelo autor americano teve occasião de passar na prova, embora muito precarias fossem suas condições de vida, o que mostra o interesse da creança pelos numeros. Binet e Kuhlmann, aliás, põem o test no V. anno. Vejamos o que revelará a estalona-gem brasileira.

IV. — *4 — COPIAR UM QUADRADO.

Instrucções. — Mostrar á creança um cartão com o desenho de um quadrado de 3 cm. de lado, de linhas grossas, dar-lhe lapis (não penna) e papel, e dizer-lhe: «Você está vendo isto, (apontando para o quadrado) não é?» Pois, eu quero que você faça outro iguaisinho a este. Faça aqui» (mostrando onde a creança deve desenhar). «Eu sei que você vae fazer muito bem». Evitar as expressões «desenho», «figura», «quadrado», ou outra qualquer que a creança possa não conhecer. Deve igualmente o examinador abster-se, ao apontar para o modelo, de correr os dedos pelos seus quatro lados.

Pedir depois á creança que desenhe ainda outros dois quadrados, dizendo, mais ou menos, da 2.^a e da 3.^a vez, respectivamente: «Faça outro ainda, bem iguaisinho a este». «Faça outro ainda, bem feito, bem iguaisinho a este, (apontando sempre para o modelo) e prompto». Não deixar de providenciar para que a posição da creança seja commoda, ao escrever, e para que o papel não escorregue sob a pressão do lapis. Feitas as tres copias, perguntar á creança: «Agora, diga qual é a melhor». (Esta questão serve para ter uma idéa da auto-critica da creança, o que é importante por haver sido observado que os retardados não raro escolhem o quadrado mais imperfeito).

Avaliação. — O test será — si pelo menos um dos tres quadrados fôr tão bom como os indicados no cartão de Terman como aceitaveis.

Não se deve levar em conta o augmento ou a redução de dimensões das figuras copiadas. A redução representa, aliás, uma tendencia usual da copia infantil. Deve ser considerado melhor signal estarem os angulos rectos bem fei-

tos que ser o quadrado bem fechado e as linhas terem poucas irregularidades.

Na apreciação do resultado deste test, o examinador deve ser tolerante.

IV. — *5 — COMPREHENSÃO, PRIMEIRO GRAU.

Instruções. — Depois de solicitar a atenção da criança, dizer-lhe: «Que é que você faz quando está com somno?» Si fôr necessario, a questão poderá ser varias vezes repetida, procurando-se animar a criança com um tom de voz persuasivo, e uma expressão de quem espera boa resposta. Os termos da pergunta, entretanto, não podem ser modificados. Pódem ser concedidos até 20 segundos para a resposta, embora, em geral, as crianças de 4 e 5 annos, ou respondam immediatamente, ou não respondam. (Nós contamos o tempo até ao «início da resposta»)

a) «Que é que você faz quando está com somno?»

b) «Que é que você faz quando está com frio?»

c) «Que é que você faz quando está com fome?»

Avaliação. — O test será — si, pelo menos, duas respostas em tres forem correctas. Não é forçoso que sejam dadas sempre as mesmas respostas. Quaesquer respostas, desde que sejam razoaveis, serão consideradas satisfactorias, como alguns exemplos podem mostrar:

a) «Vou dormir»; «vou para a cama»; «vou deitar»; «peço á mamã que me leve para a cama»; «fico quieto até dormir»; etc.

b) «Ponho uma capa»; «boto um agasalho»; «visto o sobretudo»; «vou deitar na cama» — (Dê-se sempre o desconto da relatividade das latitudes).

c) «Como alguma cousa»; «tomo leite»; «peço pão com manteiga á mamãe»; etc.

IV. — *6 — REPETIR QUATRO ALGARISMOS NA ORBEM DADA.

Instruções. — Dizer ao examinando: «Escute bem. Vou lhe dizer uns numeros e logo que eu acabar, quero que você diga pr'a mim esses numeros direitinho como eu disse. Preste atenção. Vou dizer: 4-7-3-9. Diga!» As outras duas series são: 2-8-5-4 e 7-2-9-1, usando o examinador, ao enuncial-as, a mesma linguagem chã, ao alcance do pequeno examinando.

(As expressões como «exactamente» e até «repetir» devem ser evitadas).

O examinador dirá cada serie em cerca de 4 segundos, exercitando-se para isso previamente, com um chronographo.

Si a criança não responder, é permitido repetir a primeira serie tantas vezes quantas sejam necessarias para provocar uma tentativa por parte da criança, mas a *resposta certa a uma serie relida não pôde ser contada*. A segunda e terceira series sómente pôdem ser lidas uma vez.

Avaliação. — O test será — si a criança, *após uma unica leitura*, repetir correctamente pelo menos *uma* das *tres* series apresentadas. A ordem dos algarismos na repetição deve ser exactamente a mesma em que os algarismos tenham sido lidos pelo examinador.

Observações. — Trata-se nesta prova de averiguar a capacidade que tem a creança de comprehender uma situação suggerida, e de imaginar como a resolveria. Ha, de facto, algumas creanças capazes de resolver a situação quando esta se lhes apresenta materialmente, e todavia incapazes de dar uma resposta adequada ao test.

IV — TEST SUPPLEMENTAR) — REPETIR TRES PHRASES DE DOZE A TREZE SYLLABAS.

Instrucções. — As tres phrases são: (*)

- a) Gosto muito de balas de chocolate — (12).
- b) Meu gatinho preto se chama Velludo — (12).
- c) Menino que se porta bem ganha brinquedo (13).

Manter desperta a attenção da criança e dizer-lhe: «Escute, diga assim: Onde está o gatinho?» Depois que a criança responder, dizer-lhe então: «Agora diga»: (pronunciar a phrase a) com dicção clara e com expressão).

Si a criança, por timidez, não responder, relêr a primeira phrase, que neste caso não deverá ser contada. A segunda e a terceira phrases não serão relidas.

Avaliação — — quando seja repetida sem erro pelo menos *uma* das *tres* phrases, após uma leitura unica. Como no test supplementar do III anno, não se consideram erros os defeitos de pronuncia inherentes ao desenvolvimento ainda imperfeito da linguagem, mas a phrase repetida pela crian-

(*) Phrases sobresalentes: No dia de São Pedro vou soltar um balão (13): A bandeira do Brasil é das mais bellas (12): José Silva já manchou a roupa nova (12): Na gaveta da mesa vi duas bonecas (14): A cerveja faz muito mal aos meninos (12): Recebi hontem uma carta de Paris (12): Quem não apanha sol vae ficando fraco (12): As enfermeiras devem ter bom coração (12): Os boisinhos andam quasi sempre devagar (13): O tinteiro cahiu no chão e não se quebrou (13): Os livros encadernados duram mais tempo (13).

ça não deve ter addições, ommissões, ou transposições de palavras.

V ANNOS

(6 tests, valendo 2 mezes cada um, ou 4 tests, valendo 3 mezes cada um).

V — *1) — COMPARAR DOIS PESOS.

Instrucções. — Preparar duas caixinhas, ou cubos de cartão, do mesmo tamanho, côr e apparencia, pesando, respectivamente, tres grammas e quinze grammas. Cada caixinha ou cubo deve ter tres centimetros de lado. Para obter o peso desejado póde usar-se no interior das caixas algodão com chumbo, ficando o chumbo no centro do algodão, para evitar o ruido. Depois que se tiver obtido o peso necessario, colla-se a tampa e faz-se um signal quasi imperceptivel no fundo de cada uma dellas, para o examinador as distinguir. Esse signal convencional deverá ser a letra B na de tres grammas e a letra T na de quinze grammas. (Vide no test IX, 2 — o motivo da escolha das letras).

Colloquem-se as duas caixas sobre a mesa, deante do examinando, separadas uma da outra por uma distancia de seis a oito centimetros, e diga-se: «Você está vendo estas duas caixinhas, não é? Ellas parecem iguaes, mas não são, porque uma é pesada, outra é leve. Experimente, e diga qual é a pesada». Por vezes, a criança aponta para uma das caixas, ou pega numa dellas, ao acaso, e entrega-a ao examinador, pensando que a pergunta fôra feita para que se *adivinhasse* qual a caixa mais pesada. Dizer então ao examinando: Não, não é assim. Você tem que pegar nas caixas com as mãos e fazer assim». (Exemplificar, sopesando com uma das mãos primeiro uma das caixas, depois a outra, alguns centimetros ácima do nivel da mesa). Depois desta explicação pratica, muitas crianças de cinco annos são capazes de fazer correctamente o cotejo. Outras, entretanto, normaes, da mesma idade, assim como retardadas de mais idade, adoptam o methodo defeituoso de sopesar ambas as caixas sómente em uma das mãos, ao mesmo tempo. Isso é sempre um signal desfavoravel, sobretudo quando as caixas forem collocadas pelo examinando uma em cima da outra.

Depois da primeira experiencia, misturam-se as caixas, distrahindo a criança, e faz-se o segundo ensaio, *mas, desta*

vez, com as caixas em posição inversa (sem que a criança o tenha percebido). Por fim faz-se ainda terceiro ensaio, com as caixas de novo na primeira posição.

Avaliação. — quando, pelo menos, duas das tres, comparações fôrem correctas. Caso haja razão para suspeitar terem sido as respostas certas dadas por acaso, deve o test ser totalmente repetido, depois de feitas as outras provas correspondentes á mesma idade.

V — *2) — DIZER OS NOMES DE QUATRO CORES.

Instrucções. — Colloquem-se deante da criança, quatro tiras de papel, de seis centímetros x dois centímetros, na seguinte ordem: (de cima para baixo): encarnado, amarello, azul, e verde (para as tonalidades exactas, vêr os modelos no material de Terman). Aponte-se para cada côr, de modo nitido, quer dizer, sem haver duvida de que se trata dessa côr e não de outra, (as outras não estarão tapadas) e pergunte-se ao examinando: «Qual é o nome desta côr?» (não dizer de outra maneira). Si a criança errar o nome de uma côr, não se poderá repetir-lhe a pergunta.

Avaliação. — sómente quando os nomes de todas as côres forem ditos sem erros e sem accentuada hesitação. Admitte-se, entretanto, que a criança accrescente os adjectivos «claro», «escuro», «celeste» (para o azul), ou outro adjectivo qualificativo similar, aos nomes das côres.

Observações. — Não se trata neste test de examinar a capacidade de reconhecer as côres, que já está presente um anno antes. Tratase, segundo Binet, da «verbalização da percepção das côres».

V — *3) — FAZER COMPARAÇÕES ESTHETICAS ENTRE PHYSIONOMIAS.

Instrucções. — Mostrar á criança cada um dos tres pares de figuras com caras bonitas e feias, existentes no material de Binet e Terman, e perguntar de cada vez: «Qual destas duas figuras é a mais bonita?» Abster-se de usar a formula: «Qual é a cara mais feia?», excepto si a criança tardar em responder. A ordem de apresentação dos pares de figuras é de cima para baixo, sendo conveniente tapar com um cartão os pares ainda não apresentados. Não se acceitam correcções, valendo, pois, apenas as primeiras respostas.

Avaliação. — sómente quando sejam exactos os tres julgamentos. Toda incerteza accentuada é considerada erro.

Por vezes a criança, sorrindo, indica a figura feia como sendo a bonita, e, sem embargo, sua expressão nos diz que está consciente de sua brincadeira. Terman, talvez com excessiva subtilidade, considera, porém, esta resposta como *negativa*, porque só nos demonstraria «a tolerancia infantil para a fealdade».

Observações. — O test é altamente interessante, do ponto de vista psychologico. Poder-se-ia supôr, diz Terman, que o juizo esthetico fôra relativamente independente da intelligencia, mas a estalonagem, neste caso, indica o contrario. Um imbecil de quatro annos de idade mental, ainda que sua idade vital seja de quarenta annos, não demonstra mais capacidade para este test do que para qualquer outro do mesmo anno. Binet colloca o test no VI anno.

V — 4) — DEFINIR PELO USO.

Instrucções. — Usar as palavras: *cama, laranja, cavallo, garfo, boneca, e espelho*. Dizer á criança: «Você já viu uma cama, não é? Sabe o que é uma cama, não é? Pois, então me diga o que é uma cama». Proceder do mesmo modo em relação ás outras cinco palavras, na ordem em que ellas se acham enumeradas acima. Si a resposta tardar: «Eu tenho a certeza que você sabe o que é uma laranja (ou outro dos objectos). Você já tem visto muitas laranjas. Pois, então, diga-me o que é uma laranja». Como se vê, a pergunta é apenas repetida, com uma phrase de incitamento a mais — e em tom de voz lisongeador. (Em rigor, este test não deve ser dado senão depois que haja o examinador francamente captado a confiança do examinando).

Por vezes, solicitada a dar algumas das definições do test — a da boneca, por exemplo — a criança vae por mau caminho: «Eu tenho uma, bonita, que Papae me deu de festas.» Em taes casos, deverá repetir-se a pergunta: «Sim, mas me diga o que é uma boneca?»

Avaliação. — Si quatro das seis palavras forem definidas pelo uso, (ou de um modo melhor ainda, isto é, descrevendo o objecto, ou dando a classe a que elle pertence). Exemplos de respostas satisfactorias e não satisfactorias:

Respostas satisfactorias:

- a) *Cama* — «E' de deitar»; «E' de dormir»; «E' da gente dormir»; *Superior ao uso:* «E' onde a gente dorme».
- b) *Laranja* — «E' para comer» (ou «para chupar»);

«E' fructa» (*superior ao uso*); «E' uma fructa de comer» (definição ainda mais completa).

c) *Cavallo* — «E' para a gente montar». «E' para puxar carro». «E' grande e tem quatro pés», etc.

d) *Garfo* — «E' para a gente comer». «E' que serve para agarrar a comida». «E' que a gente espeta o garfo na comida e depois come». «E' para se pôr na mesa». Definições *superiores ao uso*: «E' uma coisa que serve para agarrar a comida». «E' um talher». «E' um talher para comer». «E' um ferro com tres pontas». «E' um *negocio* para comer». (Esta ultima definição, literalmente errada, por imperfeição do elliptico phrasear infantil, deve, entretanto, ser acceita, tanto nesta idade, como no VIII anno, por estar *intencionalmente* certa).

e) *Boneca* — «E' para brincar». «E' que a gente veste e bota na caminha». «E' para nanar». «E' para trazer no collo»; etc. *Superiores ao uso*: «E' uma coisa que tem braços, pernas e cara, mas que não é gente». «E' um brinquedo».

f) *Espelho* — «E' de olhar». «E' de espiar a gente»; *Superiores ao uso*: «E' uma cousa de olhar». «E' uma cousa para a gente se vestir». «E' uma coisa para «toilette». «E' um objecto de valor».

Respostas não satisfactorias:

Deverão ser consideradas falhas as definições que expressam factos possíveis, porém muito fóra do usual.

[Os objectos do test são em geral adoptados sem critica pelos varios revisores da escala de Binet-Simon, e por isso não pouco hesitamos em tomar a iniciativa de substituir alguns delles por outros. Não podemos, entretanto, deixar de notar que, a nosso vêr, é preferivel, como fizemos, não incluir objectos sempre presentes no acto do exame, como, p. ex., *mesa* e *cadeira*. Quem, de facto, duvidará de que, algumas vezes, a criança que prefere apontar para o objecto a definil-o por palavras mostra sómente pouca tendencia ao verbalismo, e não intelligencia menor? Pelo menos deve haver uniformidade: ou todos os objectos estarão presentes, ou não.]

V — 5) — RESOLVER UM JOGO DE PACIENCIA (RECTANGULO DIVIDIDO).

Instrucções. — Tomam-se dois cartões rectangulares (por exemplo: cartões de visita, grandes, em branco) e divide-se

d'elles no sentido da diagonal. Obtiém-se, assim, os seguintes dois triangulos:

que se collocam sobre a mesa, na mesma posição em que aqui se encontram, isto é, com os dois grandes catetos parallelos e verticaes. (A distancia de separação entre ambos deve ser de dois a tres centimetros). Um palmo á direita colloque-se sobre a mesa o cartão inteiro, tendo o seu lado mais longo voltado para a criança. (O cartão intacto estará, pois, á esquerda da criança). Dizer então: «Eu quero que você junte estes dois pedaços (apontando para os dois triangulos) e faça um igual a este» (apontando para o cartão inteiro). Caso haja hesitação da criança, repetir a ordem, com algumas palavras de incitamento. Não dar idea de urgencia, para não perturbar o examinando. Fazer tres provas, de um minuto cada uma, affin de eliminar o acerto casual de uma prova unica. Si a primeira prova falhar, collocar os cartões na posição primitiva e dizer: «Não: arranje os dois juntos para fazer um igual a este» (apontando para o cartão inteiro). Não fazer qualquer outro commentario de approvação ou censura. Não deixar siquer transparecer na physionomia qualquer expressão que indique á criança si ella está acertando, ou não. Quando occasionalmente succede que um dos pedaços de cartão muda de face, tornam-se outras as condições de experiencia, não se contando, pois, esse ensaio, e fazendo-se outro, após rectificação das posições. Para evitar faça o examinando seus esforços estando um dos triangulos pelo lado contrario, deve tel-os o examinador marcado antes da experiencia com um signal em sua face inferior delles.

Avaliação. — + si houver pelo menos duas provas certas em tres ensaios. Na avaliação dos resultados a unica difficuldade consiste em decidir o que é que constitue um ensaio. Conta-se um ensaio quando a criança reúne os dois pedaços de cartão, e depois de poucas ou muitas mudanças, deixa-os numa posição qualquer, certa ou absurda. Quer a criança acerte após muitos ensaios, quer deixe os fragmentos numa posição absurda que suppõe correctá, quer desista de

continuar, confessando que não póde, em todos estes casos o esforço feito representa um ensaio. De qualquer modo, porém, o prazo maximo que póde durar um ensaio é de *um minuto*. Observe-se e anote-se o processo seguido pela criança (combinação incorrecta repetida, pesquisa systematica de combinações diversas, aceitação de combinação irrealizavel, superposição ou juxtaposição do cartão inteiro).

V — * 6) — EXECUTAR TRES TAREFAS SIMPLES.

Instrucções. — O examinador conduz a criança até ao meio da sala, e diz-lhe: «Quero que você me faça um favor. Aqui está uma chave. Você vae botar esta chave em cima daquella cadeira, depois você fecha (ou abre) aquella porta e depois me traz aquella caixa que está ali. (apontando para os objectos referidos). Entendeu bem? Preste bem attenção. Primeiro botar a chave em cima da cadeira, depois fechar (ou abrir) a porta, e depois trazer a caixa» (apontando de novo). Accentuar as palavras *primeiro* e *depois*, para fazer gravar a successão em que as tarefas ou actos deverão ser cumpridos. Não repetir mais nenhuma vez as instrucções, nem auxiliar o examinando de qualquer modo. Si a criança, hesitante, se detiver entre dois dos actos, interrogando o examinador com o olhar, saiba este manter-se impassivel, deixando-a sahir da difficuldade pelos seus proprios recursos.

Avaliação. — Todas as tres tarefas devem executar-se na ordem em que foram enunciadas. Os erros pódem resultar, pois, ou da omissão de uma das tarefas, ou da mudança na ordem respectiva. O ultimo caso é o mais frequente. O examinador deve aprender bem de memoria o test.

Observações. — Comprehensão e retentiva são os requisitos essenciaes do test.

V. — TEST SUPPLEMENTAR) — DIZER A IDADE.

Instrucções. — A formula é: «Quantos annos você tem?» Não é necessario que a criança saiba o dia do nascimento, nem que permenorize quantos mezes lhe faltam para completar mais um anno. Nos casos de duvida, entretanto, póde o examinador ainda perguntar: «Quantos annos você fez no dia de seus annos?»

Avaliação. — Algumas crianças dão a idade errada, com toda a apparencia de quem presta uma informação segura. E' preciso, pois, verificar sempre da professora ou

da familia qual é a idade exacta, indagando o dia do nascimento. Si a criança apenas indicar a idade por meio dos dedos, attribuir-lhe sómente $\frac{1}{2}$ ponto (meio ponto).

VI ANNOS

(6 tests, valendo 2 mezes cada um, ou 4 tests valendo 3 mezes cada um).

VI — *1) — DISTINGUIR O LADO DIREITO DO ESQUERDO.

Instrucções. — Perguntar á criança: «Qual é a sua mão direita? Obtida a resposta, perguntar: «Qual é a sua orelha esquerda?». Em seguida: «Qual é o seu olho direito?». As palavras *esquerda* e *orelha*, *direito* e *olho* serão pronunciadas em tom um pouco mais forte. Caso haja algum erro, repetir o test, desta vez, porém, com mão esquerda, orelha direita e olho esquerdo. Ter todo o cuidado de não proporcionar, sem querer, á criança, indicações que facilitem a resposta, como o dirigir do olhar para a parte do corpo visada, o fazer signaes approbativos ou negativos de cabeça ou o apresentar questões supplementares.

Avaliação. — — si todas as tres questões forem respondidas sem erro, ou si, em caso de um erro, as tres adicionaes forem satisfactorias. O estalão americano é, pois, *tres em tres ou cinco em seis*. O maior perigo de divergências na avaliação, conforme o examinador, provém das respostas duplas, como quando a criança aponta primeiro uma orelha, e depois a outra. Nesses casos, a regra maida contar sómente a segunda resposta, seja esta certa, ou errada.

Observações. — Binet primeiro poz o test no VI anno, depois no VII. A revisão Stanford voltou a collocar-o no VI anno. Terman admite que haverá, talvez, diferenças nacionaes. Boder opina que taes differenças se poderão attribuir a que o uso das palavras *direita* e *esquerda* não tem a mesma frequencia nos varios idiomas.

VI — *2) — MOSTRAR AS LACUNAS DE FIGURAS INCOMPLETAS.

Instrucções. — Mostrar á criança, de uma em uma, as quatro figuras a que faltam respectivamente, um olho (a), o nariz b), a bocca (c) e um braço (d), nesta mesma ordem. Ao mostrar a primeira(a), dizer: «Na cara desta moça tem uma coisa que não está direito. Falta (accentuando a

palavra) uma coisa nesta cara. Olhe bem, e diga-me qual é essa parte que falta. Succede, ás vezes, que o examinando responde, inesperadamente, coisas como: «Faltam os pés» ou «a barriga não está aqui», etc. Taes respostas não são satisfactorias, pelo que deve o examinador atalhar: «Não; eu estou falando da cara (ou do rosto da moça), diga-me o que é que falta nesta cara?». Si nem assim se obtiver a resposta certa, aponte-se para o lugar onde deveria estar o olho, e diga-se: «Veja: o olho não está aqui». Quando se mostrarem as figuras b) e c) ao examinando, dizer-lhe sómente: «Que é que falta nesta cara?». Quando chegar a vez da figura d), porém, deve perguntar-se assim: «Que é que falta nesta figura?». As indicações supplementares não podem ser dadas promptamente, sendo de 25 segundos o prazo maximo que o examinador poderá esperar.

Avaliação. — — quando tres das quatro lacunas forem mostradas. Não são erros certas pequenas incorrecções, como: «olhos» em vez de «olho» ou «vista» para a primeira figura; «nariz e uma orelha», em vez de «nariz», unicamente, para a segunda; «mãos» ou «dedos» em vez de «braço» para a quarta. São, pelo contrario, erros não toleraveis os seguintes: «o outro olho» ou «a outra orelha» para a primeira e terceira; as «orelhas» para a quarta, etc.

Observações. E' uma das muitas *provas de completamente* nas quaes se trata de uma unidade relacionada com as partes dadas; pede-se em taes provas que seja encontrada a parte que falta, seja em figuras, seja em phrases, seja em narrativas, etc. Binet collocou a prova primeiramente no VI anno, e depois no VIII. A Stanford colloca-a no VI anno.

VI. — *3) — CONTAR TREZE TOSTÕES.

Instrucções. — Technica identica á do 3.º test do IV anno. Si na primeira resposta a criança commetter sómente pequenos erros, como omitir um numero, ao contar em voz alta, deixar de apontar com o dedo os tostões, etc., concede-se segundo ensaio.

Avaliação. — — quando haja *um* resultado certo, pelo menos, em *dois* ensaios. Resultado certo implica que a contagem oral coincida com o gesto de apontar para as moedas. De facto, sómente quando a criança assim proceder, podere-mos estar certos de que sua resposta correcta final não será o resultado fortuito de dois erros, em sentido contrario;

por exemplo, si um tostão fôr omittido e outro contado duas vezes, o resultado total irá ser correcto, como numa enganosa prova dos 9, mas o test não será satisfactorio.

Observações. — Binet passou este test do VII para o VI anno e as revisões ultteriores concordam com isso. Terman insiste tambem aqui em que não está em jogo na prova a instrucção escolar, tratando-se, sim, da aptidão innata para se orientar nas varias circumstancias da vida. Só em casos excepcionaes a falha nesta prova póde attribuir-se mais ao abandono social que á diminuição da intelligencia.

VI — *4) — COMPREHENSÃO, DO 2.º GRAU.

Instrucções. — São as seguintes as questões usadas nesta idade:

- a) Que é que você deve fazer, si estiver chovendo quando você fôr para a escola?
- b) Que é que você fazia si visse a sua casa pegando fogo?
- c) Si você tiver de ir fazer uma viagem de trem, e quando chegar á estação, o trem tiver partido naquelle momento em grande velocidade, que é que você deve fazer?

As perguntas serão feitas uma a uma, em voz clara, pausadamente.

Quando a criança não responder, a questão poderá ser repetida uma ou duas vezes: «Você entendeu bem o que eu disse?» «Vou repetir». A forma da questão é que não poderá ser de modo nenhum alterada.

Avaliação. — + quando duas das tres questões forem respondidas correctamente. A difficuldade está em julgar quaes as respostas satisfactorias. Vejamos alguns exemplos. Esperem-se pacientemente 20 segundos pela resposta da criança.

a) *Satisfactorias:* «Levo o guarda-chuva». «calço as gallochas». «visto o sobretudo». (Respostas desse typo, contou-as Terman 61 vezes em 72 acertos). «Peço ao Papae que me leve e outras do mesmo typo tambem se contam como certas. *Não satisfactorias:* «Ir para casa»; «ficar em casa» é o erro mais commum de todos, e poderia, á primeira vista, parecer ao examinador uma resposta accetavel. A verdade é que tal resposta implica uma leve incomprehensão da questão, na qual os factos fundamentaes são ir á escola e estar chovendo.

b) *Satisfactorias*: «Gritava por soccorro». «Chamava os bombeiros». «Ia buscar agua para jogar no fogo». *Não satisfactorias*: O erro mais commum, que se conta por quasi metade de todos os erros occorrentes, é suggerir que se devia procurar outro abrigo; por exemplo, «Ia para o hotel»; «Ia para outra casa»; «ficava com os amigos ou parentes», etc. Outros erros: «Ia procurar outra casa». «Chorava de pena». «Ficava cuidadoso e não deixava que ella pegasse fogo alguma outra vez». «Punha a casa no seguro». Gritava. «Chamava a policia». (*)

c) *Satisfactorias*: «Esperava outro»; «tomava o trem que viesse depois»; ou coisa semelhante. Este typo de resposta inclúe, segundo Terman, cerca de 58% das respostas que não pertencem obviamente ao grupo não satisfactorio. *Não satisfactorias*: São innumeraveis. Por maior que seja o numero de crianças que se tenha examinado, novos exemplos de absurdos hão-de sempre apparecer. As possibilidades são literalmente inexauríveis, mas as seguintes são das mais communs: «seguia a pé»; «ficava damnado»; «corria atrás d'elle p'ra ver si ainda podia pegar»; «procurava pular nelle»; «Ia tomar o trem na estação mais perto»; etc. (Nunca se julque esta questão sem antes estar bem ao corrente das condições ferro-viarias do local onde reside a criança. Assim, por exemplo, a resposta «voltava para casa» estará perfeitamente bem, quando na localidade passem poucos trens por dia, com grande intervallo entre um e outro. Quando a criança falar em tomar automovel, ir a cavallo, etc., é preciso averiguar si isso será razoavel, em vista das condições peculiares á região, dos recursos da familia da criança, etc.

VI. — 5) — DIZER OS NOMES DE QUATRO MOEDAS COMMUNS.

Instrucções. — Mostrar á criança, cada um por sua vez, quatro nickeis que não sejam nem muito novos, nem muito gastos: um de 400 reis, um de 200 reis, dos modernos, um de 500 reis e um de 100 reis, dos modernos, perguntando de cada vez: «Que é isto?» Si a criança não entender bem, e responder: «Dinheiro», ou «Uma moeda», ou «um nickell», dizer: «Sim, mas como se chama esta moeda?» Mostrar sempre as moedas na ordem em que foram enumeradas.

(*) Todas as respostas devem ser annotadas literalmente

Avaliação. — + si forem correctas as respostas a todas as quatro questões. Qualquer designação correcta de moeda pode ser acceita, como «um tostão», «quinhentos reis», «dois tostões». Si a criança der duas denominações diferentes, uma certa, outra não, para a mesma moeda, acceita-se sómente a segunda, seja certa ou errada. Não são permittidas questões supplementares.

VI — 6) — REPETIR PHRASES DE 16 A 18 SYLLABAS.

Instrucções. — As phrases são as seguintes: (*)

- a) Gosto muito de livros que tenham figuras bonitas. (16)
- b) Depois de ter estudado bem a lição podemos brincar. (17)
- c) Meu gato branco caçou de noite tres ratinhos nesta sala. (18)

Dizer ao examinando: «Olhe, eu vou dizer uma coisa a você, e quero que você, depois, repita direitinho o que eu disse. Entendeu? Pois, então, preste atenção, e diga depois igualzinho como eu disse». Leia-se então a primeira phrase algo lentamente, com voz clara e com expressão. Si a resposta não fôr demasiado incorrecta, louve-se o esforço da criança. Proceda-se do mesmo modo com as outras duas phrases, antecedendo-as sempre de uma exhortação: «Diga tudo igualzinho como eu disse».

Nesta idade, bem como nos tests ulteriores deste mesmo typo, de repetição immediata de phrases, não é permittido ao examinador relêr nem sequer a primeira phrase.

Avaliação. — + quando pelo menos *uma* das *tres* phrases seja repetida sem erro, ou quando *duas* dellas sejam repetidas com um só erro em cada uma. Cada omissão, inserção ou transposição já se contará como um erro, porém os erros de pronuncia não serão levados em conta. Não basta que o pensamento da phrase seja reproduzido: é necessario que as suas expressões sejam repetidas exactamente. As respostas devem ser notadas *palavra por palavra*.

(*) Phrases sobresalentes: A gente precisa trabalhar muito para viver bem (6); Quero tirar um bom retrato no dia de meus annos (16); Na terça-feira vou visitar o meu amigo José (16); As pessoas mais velhas devem ser tratadas com respeito (17); Amanhã de tarde vamos dar um bom passeio no campo (17); E' costume muito máo guardar dinheiro dentro do lenço (17); Quem não sae de casa não apanha sol e vae ficando fraco (18); Os homens que têm dinheiro nem sempre são os mais felizes (17); Antigamente não havia telephone nem automovel (18).

Depois de cada repetição se perguntará: «Está bem repetido?»

VI — TEST SUPPLEMENTAR) — DISTINGUIR A MANHÃ DA TARDE.

Instruções — Si o exame fôr feito de manhã, perguntar: «Agora é de manhã ou de tarde?». Si fôr feito á tarde: «Agora é de tarde, ou de manhã?» (Sempre estará em primeiro lugar a palavra que indica a parte do dia exacta, precaução necessaria porque certas crianças têm a tendencia a repetir, automaticamente, a palavra dita em ultimo lugar). Não se deve apressar o examinando, evitando proporcionar-lhe outrosim qualquer suggestão que venha facilitar a resposta. Os exames não devem ser feitos nas proximidades do meio dia.

Avaliação. — — quando a resposta correcta seja dada em tom de convicção. Si a criança disser que não tem certeza, mas *pensa* (ou *acha*) que é de manhã (ou de tarde, conforme o caso), conta-se a resposta como — (errada), ainda que aconteça estar certa. Esse tipo de resposta não é aliás, frequente.

VII ANNOS

(6 tests, valendo 2 mezes cada um, ou 4 tests, de 3 mezes cada um).

VII — *1) — DIZER O NUMERO DOS DEDOS DAS MÃOS.

Instruções. — Dizer: «Quantos dedos tem você nesta mão?» «Quantos nesta outra?» «Quantos nas duas mãos juntas?» Si a criança começar a contar, em resposta a qualquer das questões, dizer: «Não, não conte. Diga-me sem contar». Repetir neste caso a questão.

Avaliação. — — si todas as tres questões forem respondidas correctamente, sem necessidade de contar. Algumas crianças, não entendendo a questão, deixam de incluir os pollegares. Terman manda considerar a resposta certa, ainda em taes casos, desde que o numero dos dedos, tanto em uma só mão, como em ambas, seja dado correctamente, com exclusão dos pollegares (4 e 8).

VII — *2) — FAZER A DESCRIÇÃO DE QUADROS.

Instruções. — Usar as mesmas gravuras do 3.º test do III anno, apresentando-as sempre na seguinte ordem: a) interior de casa hollandeza; — b) scena em um rio; — c) jogo de cabra cega.

A formula para o test nesta idade differe um pouco da de III annos.

Dizer: «Que é que representa este quadro? E' um quadro de que?» Fazer estas perguntas seguindo estritamente a formula. Seria inutilizar o test o dizer: «Diga-me alguma coisa do que você está vendo neste quadro», porquanto, assim, se tenderia a provocar a resposta por enumeração de objectos até com crianças intelligentes desta idade.

Quando não haja resposta, pôde ser a questão repetida tantas vezes quantas forem necessarias para quebrar o mutismo da criança.

Avaliação. — + si, pelo menos, duas das tres gravuras forem descriptas, ou interpretadas. A interpretação, aliás, é raramente encontrada nesta idade. Muitas vezes a resposta contém ao mesmo tempo elementos de enumeração e de descripção. A regra é não contar como + senão as respostas que encerrem principalmente descrições (ou, com maioria de razão, interpretações).

Eis alguns exemplos de respostas satisfactorias:

Gravura a) — *Respostas satisfactorias:* «A menininha está chorando. A mãe d'ella está olhando para ella e tem tambem um gatinho sentado no chão». «A mãe do nenê está lavando o nenê e o gato está olhando por um buraco no chão, e tem um lampeão e uma mesa. Acho que ha-de ser uma sala de jantar».

Gravura b) — *Respostas satisfactorias:* São pessoas viajando numa canôa. A agua está braba e elles têm que ter cuidado para a canôa não virar». «O canoeiro indio vai conduzindo um casal na canôa».

Gravura c) — *Respostas satisfactorias:* «E' uma porção de pessoas que estão brincando em roda da mesa». «Vejo uma brincadeira na sala de jantar».

Quanto ás respostas não satisfactorias, são as que constam, inteiramente, ou em sua maior parte, de enumerações de objectos. Uma ou duas phrases de descripção e muitas enumerações fazem o test — (minus). Algumas vezes, a descripção é satisfactoria, mas extremamente laconica. Em taes

casos algumas palavras oportunas de estímulo («Vamos! Que mais?») prolongarão a resposta o bastante para que se revele o seu verdadeiro caracter.

VII — 3) — REPETIR CINCO ALGARISMOS NA ORDEM DADA.

Instruções. — As series de algarismos são as tres seguintes:

3-1-7-5-9

4-2-3-8-5

9-8-1-7-6

Dizer á criança; «Eu vou ler para você uns numeros e logo que eu tiver lido você repita esses numeros na mesma ordem em que eu tiver lido. Escute...» Dizer, então os cinco algarismos de cada serie, um pouco mais rapidamente que um por segundo, em voz clara, com emphase uniforme e *sem rythmo* (o *rythmo* consistente em parar um instante em dados algarismos, facilitaria a prova).

Nos tests deste tipo, para idades anteriores o examinador podia relêr a primeira serie. Nesta idade e nas que se lhe seguem já não é permitida a repetição de nenhuma das series pelo examinador. Antes de lêr, procure-se prender a attenção da criança. O examinador deve, além disso, ter o cuidado de não encara a criança, durante a resposta, porque isso póde atrapalha-la. E' preferivel olhar para o tecto ou para a ficha.

Avaliação. — + si a criança, após uma simples leitura, repetir correctamente, na ordem dada, uma das tres series apresentadas.

VII — 4) — FAZER UM NO' DE DUPLA LAÇADA.

Instruções. — Fóra das vistas da criança, o examinador prepara, com um cordão de sapato, em torno de uma varinha qualquer, — por ex.: um lapis, ou caneta — um nó de dupla laçada, com extremidades de 6 a 8 cm. Põe em seguida o modelo deante da criança, com as pontas á direita e á esquerda, e diz: «Você está vendo este laço, não é? E' um laço com dois nós. Eu quero que você, com este outro cordão, faça um laço bem igual neste dedo». Dar ao mesmo tempo á criança outro cordão de sapato de comprimento igual ao primeiro e apresentar-lhe um dedo em posição conveniente para a operação (o dedo é preferivel a um lapis, caneta ou outra varinha porque nelle o laço se fixa melhor).

Algumas crianças que affirmam não saber fazer um laço com dois nós, revelam-se, entretanto, capazes disso, quando instadas a experimentar. Será, sempre, pois, necessario, realizar uma tentativa no momento.

Avaliação. — + si uma laçada dupla for feita *em um minuto*, ou menos. Uma laçada simples será contada como meio ponto, pois muitas crianças estão habituadas a dar sómente esse laço simples. O nó usual, que precede a laçada propriamente dita, não deve ser omittido, pois, sem esse nó preliminar, a laçada não ficaria segura e não teria valor. Para ser satisfactorio, o nó deve tambem ser sufficientemente apertado e apresentar aspecto mais ou menos esthetico.

Observações. — Factores sociaes e a questão do sexo seguramente influirão nesse test.

VII — *5) — INDICAR, DE MEMORIA, QUAES AS DIFERENÇAS ENTRE TRES PARES DE OBJECTOS.

Instrucções. — São os seguintes os tres pares de objectos: a) borboleta e mosca; b) pedra e ovo; c) madeira e vidro.

Dizer, para a primeira questão: «Qual é a diferença entre uma mosca e uma borboleta?» Si a criança não der mostras de entender, accrescentar: «Você sabe o que são moscas, não é? Você tem visto moscas, não é? E você tambem conhece borboletas! Pois, agora me diga: mosca e borboleta por que é que não são a mesma coisa? Porque é que não são iguaes?» Não raro é necessario certo tacto para conseguir a resposta. E' permittido então estimular um pouco o amor proprio da criança, com phrases, como esta: «Eu sei que você vae responder direito. Você é um menino intelligente», não sendo, porém, tolerada nenhuma questão suppleментар, ou suggestão de qualquer especie. Dizer, por exemplo: «Qual é maior, uma mosca ou uma borboleta?» traria, *incontinenti*, a resposta: «uma borboleta». A propria pergunta: «O que é que a borboleta *tem*, e a mosca, não?» limitaria de algum modo a questão, pois não daria ensejo a certas respostas accitaveis, baseadas no que taes insectos *fazem*, como: «As borboletas pousam nas flores, as moscas não» (authenticas). Por vezes, a criança indica a diferença, sem precisar a que lado se refere, v. g.: «Uma é maior que

a outra». E' permittido então perguntar: «Qual é a maior?» Proceda-se com criterio identico em relação ás outras duas questões.

Avaliação. — si fôr apresentada uma differença *essencial*; a differença pôde ser das mais communs desde que seja real. Vejamos alguns exemplos de respostas satisfactorias e não satisfactorias:

a) *Resp. satisfactorias.* — «A borboleta é maior». «A borboleta tem azas mais grossas». «A mosca é preta, e a borboleta não». *Resp. não satisfactorias:* — «Mosca é maior». «Mosca tem pernas, borboleta não». «A borboleta não tem pés, e a mosca tem».

b) *Resp. satisfactorias.* — «A pedra é mais dura». «O ovo é mais molle». «Ovos se quebram e pedras, não». «Pedra é mais pesada». «O ovo tem casca e a pedra, não». «O ovo se come». «Um ovo é mais redondo». *Não satisfactorias:* — «Uma pedra é maior (ou menor) do que um ovo». «Pedra é quadrada e ovo redondo». «Ovo é amarello e pedra é branca»; etc.

c) *Respostas satisfactorias.* — «Vidro é mais facil de quebrar». «Madeira é mais forte do que vidro». «Vidro pôde-se ver a luz por elle, e madeira, não». «Madeira queima e vidro, não». «O vidro brilha ao sol». Tambem se acceitarão comparações incompletas como esta: «Madeira pôde-se queimar e vidro pôde-se enxergar a luz atravez d'elle». *Respostas não satisfactorias.* — «A madeira é preta e o vidro é branco» (as differenças de côr são aqui sempre inaceitaveis, a menos que seja tambem mencionada a transparencia). «O vidro é quadrado e a madeira, redonda». «O vidro é mais grosso do que a madeira (ou o inverso); «A madeira faz-se das arvores e o vidro, para as janellas».

VII — *6) — COPIAR UM LOSANGO.

Instrucções. — Preparar um losango em linhas negras e grossas sobre fundo branco tendo sua longa diagonal cinco centimetros de extensão. Collocar este modelo (existente nas fichas de Terman) deante do examinando, com a longa diagonal apontando para elle. Fornecer ao examinando penna, tinta e papel (não tinteiro) e dizer-lhe: «Eu quero que você me faça um desenho igual a este». Obter da criança tres en-

saio, dizendo de cada vez: «Faça um bem igual a este» (apontando para o losango, sem nunca, porém, passar os dedos pelo seu contorno). Depois de cada ensaio, perguntar á criança: «Está bom?» E depois de feitas as tres copias: «Qual dos tres desenhos você acha o melhor?»

Avaliação. — Para que o test seja + é necessario que, pelo menos, *dois* dos *tres* losangos se nos affiguem tão satisfactorios como os typos dados no modelo de Terman.

O losango, como se vê no modelo em apreço, deve estar em posição mais ou menos correcta, e as diagonaes não devem estar invertidas. As diferenças de tamanho não devem ser levadas em conta. (Si, entretanto, houver, entre os tres desenhos, um visivelmente melhor, e a criança tiver indicado como melhor o peor de todos, sua nota passará a ser apenas meio ponto).

Observe-se e registre-se qual o numero de vezes que a criança olha para o modelo, em cada um dos tres ensaios.

VII — 1º TEST SUPPLEMENTAR) — ENUMERAR OS DIAS DA SEMANA.

Instruções. — Dizer á criança: «Você sabe quaes são os dias da semana, não é? Pois, então, diga para mim quaes são os dias da semana». Si a criança começar a nomear varios dias santificados e feriados, ou de outro modo mostrar não ter comprehendido a questão, acrescentar: «Não, o que eu quero é que você me diga quaes são os dias da semana». Não se permite nenhuma questão suplementar, e é obvio que durante a resposta da criança se deve evitar qualquer signal de approvação ou reprovação, seja siquer pela expressão do olhar. Si os dias tiverem sido enumerados correctamente, deve verificar-se, por uma contra-prova, si a sua seriação real é conhecida pelo examinando, ou si elle está apenas respondendo mecanicamente. Para isso, fazem-se tres perguntas: «Diga-me qual é o dia que vem logo antes de quinta-feira, qual é o que vem depois de domingo, qual é o que vem antes de sabbado?»

Avaliação. — — si os dias forem enumerados correctamente dentro de *quinze segundos*, e si a criança responder certo, pelo menos a *duas* das *tres* questões de contra-prova. A enumeração pôde começar indifferentemente por qualquer dia. E' importante observar que algumas crianças, antes de responderem, se *concentram* durante alguns segundos (ás ve-

zes, mais de cinco segundos). Nesses casos, tenha-se o cuidado de sómente começar a contar o tempo logo depois que a criança dissér o primeiro dos sete dias. Também se descontará o tempo que a criança gaste em fazer qualquer pergunta, como, por exemplo, si póde começar por um dia qualquer. Por fim, concedam-se mais tres segundos, si a criança em vez de dizer abreviadamente; *segunda, terça, quarta*, disser, por extenso: *segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, até sexta-feira*. (*)

VII — 2º TEST SUPPLEMENTAR) — REPETIR TRES ALGARISMOS DE TRAZ PARA DEANTE.

Instrucções. — As series usadas são as seguintes: 2-8-3; 4-2-7; 9-5-8. Este test será sempre dado depois do test de repetição de algarismos na ordem directa (test 3), porém *nunca immediatamente depois delle*.

Dizer á criança: «Escute bem; eu vou dizer para você uns numeros, mas agora o que eu quero é que você repita esses numeros de traz para deante. Assim, si eu dissesse 1-2-3, você tinha que dizer: 3-2-1. Entendeu?»

Quando fôr evidente que a criança assimilou as instrucções, dizer: «Está bem, então escute e lembre-se que tem de dizer os numeros de traz para deante. «Ler então os algarismos, obedecendo ás instrucções dos outros tests do mesmo typ. Não é permittido ao examinador dizer mais de uma vez qualquer das series, excepto quanto á primeira — no caso em que a criança repita os numeros na ordem directa em vez de de traz para deante. Antes de dizer cada serie, o examinador deve exhortar o examinando a ouvir bem e a repetir os numeros de traz para deante.

Avaliação. — + si o examinando repetir, pelo menos uma das tres series de traz para deante, sem erro.

(Continuará).

(*) Isaias Alves, adaptando Binet-Burt, acceta dez segundos apenas para a enumeração dos sete dias, o que nos parece dificultar o test para as crianças brasileiras.

TRABALHOS DE ANTI-ALCOOLISMO



HOMENAGEM À MEMÓRIA DE SEVERINO LESSA

Com o prematuro trespasse do nosso muito prezado consocio, Dr. Severino Lessa, soffrem os anti-alcoolistas de nosso paiz uma grande perda, e é justo, portanto, que esta secção se consagre a relembrar-lhe a contribuição notabilissima para o estudo do magno problema medico-social do alcoolismo.



† Dr. Severino Lessa

Em 13 de dezembro proximo passado, trigesimo dia de seu passamento, realizou a Liga, por iniciativa da secção de anti-alcoolismo, uma reunião publica de homenagem á memoria do mallogrado intellectual brasileiro.

Presentes em nossa séde os Srs. Drs. Belisario Penna, Director do Departamento Nacional de Saúde Publica, Evaristo de Moraes, Erasmo Braga, Ernani Lopes, Hugo Vianna Marques, Plinio Marques, Renato Pacheco, C. Leite de Aguiar, F. Venancio Filho, por si e pelo Sr. Professor Afranio Peixoto, Professoras DD. Cecilia Muniz e Consuelo Pinheiro, Dr.^a Juana M. de Lopes, Dr. Mirandolino Caldas, Drs. Gustavo Lessa, Gustavo de Rezende, Frederico L. Mac-Dowell, Decio Parreiras, Severino de Souza Gomes, Prof. C. A. Baker, Drs. Helio Gomes e Juvenal R. Oliveira, o Dr. Ernani Lopes, interpretando o sentir de todos os presentes, convidou para presidir a assembléa o Sr. Dr. Belisario Penna e para fazerem parte da mesa os Srs. Drs. Evaristo de Moraes, Erasmo Braga e Hugo Vianna Marques. O Sr. Dr. Belisario Penna assumindo a presidencia, proferiu phrases de agradecimento e deu, em seguida, a palavra ao Dr. Ernani Lopes. Este começou dizendo cumprir a Liga um dever inilludivel de gratidão, ao homenagear a memoria de Severino Lessa, pois de alta valia houvera sido o subsidio do scientista patricio para a grande campanha anti-alcoolica em que ha tanto se empenhava a instituição em o nosso meio.

Salientou em particular a relevancia dos dados estatisticos apurados pelo Dr. Lessa, classificando-os de inatacaveis, e poz em destaque o facto de ter sido elle o verdadeiro patrono da idéa, hoje vencedora, do aproveitamento do alcool-motor para contrabalançar o *deficit* economico, oriundo das restricções que devem ser impostas ao consumo do alcool-bebida. Fez, ainda, elogiosas referencias á fôrma literaria brilhante em que o mallogrado hygienista patricio moldava o seu pensamento. A esta altura, frisou que em Severino Lessa se assignalavam as principaes caracteristicas da mentalidade fluminense, no que ella tem de mais elevado e nobre. Citou varios fluminenses notaveis nas letras, na medicina e na sociologia, destacando especialmente a obra de Alberto Torres, o grande sociologo que, «além dos seus multiplos meritos, poderia ser de certo modo considerado um precursor dos anti-alcoolistas de hoje em dia». Por fim, lembrando que em todos os nossos Estados ha grandes personalidades, accentuou que «a hygiene mental do sentimento patrio é synonymo de fraternidade entre todos os filhos do paiz ou dos que a elle se filiam.»

Falou, em seguida, o orador official da solennidade,

Dr. Hugo Vianna Marques, que, depois de algumas palavras preambulares, disse o seguinte:

«A Liga Brasileira de Hygiene Mental, com proposito razoavel, no cumprimento de um dever de justiça, reúne-se hoje para render o seu preito de admiração e saudade á memoria de um dos seus membros effectivos mais preclaros, em cuja figura se marcava um traço heroico pela expressão dos ideaes que animou toda a vida, alvejando impavido a grandeza da Patria, que amou e serviu com uma coragem civica estupenda. Jámais o intimidou a casta dos oppositores contra os quaes se punha a campo quando um interesse superior vinha de empolgar-o. Citava um numero intermino de casos em que sua galhardia luziu ironica, generosa e energica.

Recordando Severino Lessa, morto faz um mez, os periodos não podem correlacionar-se, não se entrosam logicamente, não se encadeia o pensamento, tanta a difficuldade com que se depara na fixação do seu perfil mental, cuja exuberancia de linhas perturba ou impede a analyse minuciosa. Sua actividade, em consequencia mesmo dessa exuberancia, exerceu-se em multiplas orbitas, e simultaneamente, sem a minima quebra de elegancia e fulgor, que communicou a tudo o que pensava e realizava.

Durante os longos annos de nosso convivio em que, dia a dia, mais se estreitava a nossa amizade, já me não surpreendiam as manifestações de sua intelligencia. Apaixonado da medicina social, abrangia-lhe de um golpe os problemas, concluindo, de um golpe, no sentido de uma finalidade pragmatica. Ao conhecer-lhe cada trabalho novo, referente á especialidade, orientado para o beneficio geral, infallivelmente, preocupava-me poder defini-lo numa phrase synthetica para a satisfação intima de meu proprio espirito. Encontrei-a, e porque pessoal, intima, é possivel não possa eu transmittir-a na amplitude da significação que lhe dou, a ninguem: — Severino Lessa era uma intelligencia objectiva dotado de um raro senso de realidade.

Em tempos passados, tive ensejo de affirmar a um amigo commum que não conhecera até então um homem em quem se desdobrasse, com maior rapidez, aliada á originalidade, o circulo dos processos psychicos. É que o circulo iniciado com a subtracção de elementos ao mundo exterior, incorporados á experiencia passada, elaborados, fechava-se rapida e

originalmente num acto de vontade. Quer dizer — pensamento elaborado, traduzido em acção.

Morre aos quarenta annos de idade e até á morte conservou a lucidez que o distinguia.

Nasceu na cidade fluminense de Campos, em cujo lyceu se bacharelou. Matriculou-se, após, na Faculdade de Medicina desta capital, revelando-se optimo estudante, sem mostrar, todavia, inclinação aberta por nenhuma das disciplinas do curso, porque todas o attrahiam. Obtido o grau de doutor, partiu para a Europa, onde frequentou as clinicas obstetricas da França e da Allemanha, chefiadas por Pinard e Bumm respectivamente.

O intuito de praticar a profissão na cidade natal, carecente, pelo seu progresso, de medicos especializados, e como os que se entregassem á obstetricia, eram poucos, foi, parece-me, o motivo por que escolheu aquella especialidade em que se tornou notavel. Desde que se apparentava embrulhado um diagnostico, penosa uma intervenção, sua opinião era solidada. É um asserto real, attestavel pelos collegas por quem viveu cercado de sincero acatamento.»

Citou varios exitos do Dr. Lessa, em sua vida profissional, como clinico, e outrosim como administrador, em Campos, e proseguiu nestes termos:

«Cabe-lhe a primazia, sob o ponto de vista medico-economico, medico-social, enfim, no trato do alcoolismo no Brasil.

Assenhorêa-se do problema; esmiuça-lhe as conjuncções mais proximas; revolve os dados que lhe compõem a estrutura; e resolveu-o, para o nosso meio.

Dá-lhe uma solução brasileira, o que é espantoso no Brasil — uma ou outra excepção custosa de topar — onde a gente que governa e a gente que assessora o governo são vezeiras em pretender applicar á solução dos problemas nacionaes, methodos identicos aos usados por outros povos em circumstancias mesologicas diversissimas. O resultado ahi está, destemperado, desolador.

Faz-se a transplantação delles das paginas dos livros alienigenas, sem modificar um atomo, sem a mais rudimentar experiencia.

Com seu ultimo trabalho «Ante-projecto de legislação anti-alcoolica», apresentado á Liga Brasileira de Hygiene Mental, pode-se considerar achada a solução do problema do

alcoolismo no Brasil. Elle constitue o coroamento de accuradas observações no terreno experimental.

«Conseguimos, diz, com o Dr. Alcides Godoy, graças a selecção de uma raça de levêdos, obter um accrescimento médio de 35,00 na produção do alcool, introduzindo normas modernas ao seu fabrico nas usinas campistas. A cifra de 35,00 basta para realçar a importancia economica do methodo na industria do alcool.»

Tenta, em seguida, o aproveitamento do alcool como combustível de automoveis.

Não demorou que descobrisse a formula optima — a Ethylina — de que possuia privilegio official, concedido ha mais de dez annos. Foi o primeiro privilegio no Brasil a producto dessa natureza.

Sómente decorridos dez annos, foi que a premencia da crise financeira forçou se volvesse a attenção para o alcool-motor.

Ordena a verdade se confesse a prioridade da Africa do Sul, cujas pegadas procuramos seguir presentemente, não obstante as contingencias diversas, no que diz respeito ao alcool-motor, uma vez que, por essas remotas paragens, a gasolina e de acquisição onerosa... A ignorancia endemica, o impatriotismo dos homens responsaveis não prescindem de um simile, seja da Africa do Sul, a guiar-nos, embora na afflicção.

É licito nesta hora em que os precursores de todos os matizes são um enxame feroz, que eu reivindique para Severino Lessa o logar que lhe compete.

A conferencia «Como resolver o problema do alcoolismo no Brasil, patrocinada pela Liga em 1927, é edificante. Discute os meios de combate á toxi-endemia, com uma pujança de argumentação inexcédível, apoiada em estatísticas esclarecedoras, colhidas pacientemente. É uma obra capaz de consagrar o um dos mais perfeitos conhecedores da questão entre nós, obra sahida do seu tirocinio activo na Medicina, na Industria, na Imprensa, na Politica, que exerceu como um sacrificio civic.

Imagina a solução possível do grave mal social que é o alcoolismo («alcool potavel») parallelamente ao do alcool-motor: combater o alcoolismo, protegendo o alcool-motor, attendendo, portanto, aos interesses da hygiene e aos da economia privada.

Era adversario acerrimo da *lei secca* dentro das nossas fronteiras, descrente de sua exequibilidade actual, ruinosa quiçá, pois importaria um *deficit* annual immediato de 100 mil contos de réis na receita geral. «Onde buscar, além disso, recursos ao custeio de uma grande frota em permanente vigilancia ao longo da nossa immensa costa, e de um exercito alerta na nossa desmedida linha fronteira? Onde a amplitude do aparelho judiciario para julgar os delictos sem conta, e prisões para a avalanche de delinquentes? E, acima de tudo isso, como acalmar a hyperesthesia da consciencia ultra-liberal do paiz, sempre irritadiça, quando é preciso sacrificar um pouco da liberdade pessoal pelo bem colectivo?»

Assim, planejou o ante-projecto de legislação anti-alcoolico a que me referi, cujos lineamentos se resumem em:

a) Sobretaxa inicial proporcionada ao teor alcoolico no primeiro anno e proseguida nos annos subsequentes, em progressão arithmetica para as bebidas fermentadas e geometrica para as distilladas;

b) limite, cada anno mais baixo, da percentagem alcoolica, permittida na licença para a venda de bebidas;

c) aproveitamento obrigatorio da receita da sobretaxa para constituir um Fundo Especial destinado exclusivamente á instrucção e saúde publica e a proteger o alcool-motor.

d) adopção de sobretaxa alterada (50 % menos, temporaneamente pelos Estados e Municipios).

Seria a *lei desseccante*.

O ante-projecto foi presente a uma das commissões da extincta Camara dos Deputados. Transportaram-n'o para o plenario que julgou de bom aviso nomear uma commissão, que, visto o assumpto, lançasse as bases de um projecto de lei.

O epilogo feliz não dilatou. Veio a lume o projecto, que apenas contem tres ou quatro artigos, se não me engano, valiosos — é positivo (*) — não compendiados, na sua contextura, no ante-projecto, que não padece, por signal, de qualquer interpretação obscura.

Neste passo, reivindico ainda uma citação formal para o seu nome na solennidade, que nos congrega num preito

(*) Embora respeitando a opinião pessoal do orador, cumpre-nos observar que não participamos absolutamente do seu pessimismo no tocante ao projecto de legislação anti-alcoolica visado na sua referencia. — Nota da Redacção.

eloquente á sua memoria, e apenas nesta solennidade, porque estou convicto de que não houve malquerença ou olvido, deixando-se de salientar, sem favor, a contribuição sem par. Calculo tenha ella se incorporado como sóe acontecer com as concepções scientificas, ao patrimonio de todos, tendo se tornado impessoal, se não traio meu juizo. A omissão vale por uma consagração.

Antes de passar á derradeira parte do meu discurso, eu me permitto, Sr. Presidente, appellar para V. Ex., que tem removido, criteriosa e intrepidamente os tropeços semeados em o nosso curso, pela indiferença ou pela ignorancia, no sentido de insistirmos perante o poder publico, neste momento de funda revolução que soffre, esperançado, o Paiz, para a consecução do nosso programma de anti-alcoolismo, consubstanciado nas idéas do inesquecivel companheiro que acabo de expôr succintamente.

Na ultima parte do seu discurso, o Sr. Dr. Hugo Vianna Marques leu duas inspiradas poesias de Severino Lessa, concluindo, em seguida, sob unanimes applausos, com estas palavras: «Eis o homem que homenageamos: medico, jornalista, industrial, politico, poeta...»

Seguiram-se com a palavra os Srs. Drs. Renato Pacheco e C. Leite de Aguiar, que se associaram á homenagem, em nome, respectivamente, dos collegas de formatura do extincto e da Sociedade Vegetariana Brasileira.

O Sr. Dr. Evaristo de Moraes pronunciou, após, um eloquente discurso, em cuja ultima parte fez um vibrante apello ao Sr. Dr. Belisario Penna para que este hygienista brasileiro, hoje num posto de commando, contribuisse para a solução do nosso problema anti-alcoolico, ao qual tantas energias tem consagrado, ha mais de 20 annos.

Fez uso, então, da palavra o Sr. Dr. Belisario Penna. Depois de referencias justas á personalidade de Severino Lessa, o Director do D. N. S. P. teve expressões generosas para o esforço dos dirigentes da Liga, na campanha contra o alcoolismo e na mantença da aggremação. Em seguida, declarou o sociologo brasileiro que tinha a satisfação de annunciar á Liga Brasileira de Hygiene Mental os propositos do Governo Provisorio de dotar o paiz, dentro de breves dias, com uma legislação anti-alcoolica racional.

Não seria esta a Lei Secca porque não se devem promulgar leis que não serão cumpridas. Seria, entretanto, uma

legislação tributaria graças á qual o Brasil ia dispôr de fundos para fazer face aos seus 3 grandes males: a ignorancia, a doença e o latifundio. Além disso, numerosas medidas de prohibicionismo parcial seriam adoptadas, das quaes muito era licito esperar.

A criação do Sr. Dr. Belisario Penna foi entusiasticamente applaudida pela assembléa.



*E*ntre as providencias que interessam immediatamente o problema do trabalho no Brasil, inclue-se "o combate sem treguas ao alcool, levado até ás mais rigorosas medidas de repressão commercial."

ALBERTO TORRES — *As fontes da vida no Brasil. Rio de Janeiro, 1915, pag. 47.*

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES BIBLIOGRAPHICAS



A Liga Brasileira de Hygiene Mental, ha mais de tres annos, inaugurou em sua sêde, uma sala de leitura especializada em assumptos de hygiene mental e sciencias correlatas, pondo-a, desde então, á disposição do publico interessado.

Sua bibliotheca, embora modesta, é, certamente, no genero, uma das melhores do Brasil e até da America do Sul, contando grande numero de volumes escolhidos dentre os autores de maior nomeada na litteratura scientifica mundial. (*)

Com o intuito de melhor servir aos illustrados leitores dos «Archivos», foi creada esta secção permanente de informações bibliographicas na qual se responderá, com regularidade, a qualquer consulta que nos seja feita, com referencia a obras relativas á Hygiene Mental e sciencias affins.

Quem desejar, pois, dedicar-se ao estudo da neuro-psychiatria, hygiene mental, psychologia, psychanalyse, psychopedologia, eugenia, puericultura, educação, orientação profissional, etc., poderá utilizar-se com vantagem do presente serviço informativo. Para esse fim, basta escrever a esta redacção, enviando junto, devidamente preenchido, o bilhete que publicamos noutro local.

As respostas apparecerão nos numeros seguintes da revista.

Respostas:

Dr. N. A. — (Avenida Pasteur — Rio) — O trabalho que temos o prazer de indicar ao prezado consulente é da lavra dos eminentes clinicos patricios, Professor Aloysio de Castro e Dr. Leonel Gonzaga, intitulado-se «Nota sobre histeria na infancia». Constituiu uma communicação que os autores enviaram ao Segundo Congresso Americano da Creança, reunido em Montevideo de 18 a 25 de Maio de 1919, tendo sido já aliás, antes publicado nos «Annaes da Policlínica Geral do Rio de Janeiro», a pgs. 69-81 do n.º de março do mesmo anno.

(*) Em um dos proximos numeros dos «Archivos» será publicada a relação completa das obras existentes.

RESENHAS E ANALYSES

PROF. MARTIM GOMES — *A Pesquisa do Inconsciente e a sua significação medica e scientifica*. Porto Alegre, 1930.

O prof Martim Gomes, da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, não é apenas um gynecologista emerito: é também um: psychologista observador, erudito, creador de *algo nuevo*. A sua obra «Le Rêve» trazia muita impressão de Janet; a sua «Criação Esthetica» já entra em plena psychanalyse. O trabalho presente, em que se discutem as correntes da moderna psychologia, obedece, quasi por completo, ás vistas de Freud.

A monographia em apreço, que é uma lição inaugural dos cursos da Faculdade de Porto Alegre, divide-se em tres capitulos. De começo, no estudo do conceito do inconsciente, passa em revista a bioanalyse de Metelnikow, o mecanismo da acção dos aphasicos, o valor da attitudo mental, a psychologia objectiva de Bechterew; neste passo, commenta A. Marie, no oppôr o illustre professor russo a Freud, na explicação do transformar-se a intenção em acto; passa, então, aos reflexos condicionados de Pavlow e entra a estudar «as duas bases essenciaes da psychanalyse», a saber, a transferencia affectiva e a resistencia, tudo para demonstrar que «uma intenção mais ou menos consciente póde empregar tendencias, isto é, movimentos começados, subconscienets, e chegar á realização, nos actos ou no pensamento».

O segundo capitulo versa as «aplicações clinicas e deducções scientificas», começando por estudar as modificações da sexualidade feminina consequentes á castração operatoria, traçando uma serie de principios e demonstrando que o desejo sexual, de ordem puramente psychica, persiste na mulher castrada, ainda que o impulso erotico, a tendencia para a realização, lhe haja desaparecido. As concepções de hysteria merecem do A. interessante estudo; passa elle em revista as

theorias de Babinski e de Janet, commenta G. Dumas e sustenta a qualidade inconsciente do mecanismo da suggestão. Estuda a seguir o character suggestivo da transferencia freudiana, mostrando o quanto differe esta da suggestão pura e simples, pois aquella obriga o paciente a cumprir um trabalho psychico.

O terceiro capitulo, resumindo em parte os primeiros, expõe varias observações e commenta-as, applicando-lhes as asserções anteriores. Terminam as conclusões por estabelecer uma lei «da realização inconsciente», exposta nestes termos: «Quando persiste no espirito uma intenção, emquanto diminue a auto-direcção, as tendencias simultaneas inconscientes e reactivadas recebem a influencia d'aquella intenção e se lhe adaptam, compondo-lhe a realização, no pensamento e na accção».

Essa lei, que resume, em si mesma, todo o mecanismo da actividade psychica e que é uma synthese, afinal, da theoria psychanalytica, da doutrina de Würzburg e da reflexologia de Pavlow e Bechterew, deixa entrever consequencias ultteriores para a hygiene mental e para a educação, ás quaes o autor, infelizmente se limita a alludir neste trabalho, mas que decerto delineará em outros.

A monographia está illustrada de grande copia de observações e de farta bibliographia; e no decurso do texto, o autor insiste pela necessidade do ensino de psychologia no curso medico, seja qual for a especialidade a que se destine o estudante.

As idéas abundam, nesta lição inaugural, que está a pedir um desenvolvimento maior, em livro que virá, por certo.

J. P. Porto-Carrero.

FISHER, IRVING — *A nobre experiencia* (The noble experiment) (Alcohol Information Bureau, 150 Fifth Av., N. York. 1930 — \$2.00).

Irving Fisher é professor de sciencias economicas na universidade de Yale, nos Estados Unidos. Um comité organizado em Nova York para colher e divulgar informações concernentes aos problemas do alcool potavel, e á lei da prohibição, *The Alcohol Information Committee*, patrocinou os trabalhos do professor Fisher para elucidar de maneira fidedigna e precisa a situação obscurecida pela reacção intelligente e pertinaz opposta á execução da lei que capitulou como crime o uso e o commercio das bebidas alcoolicas na grande republica anglo-saxonia.

O livro do professor Irving é o terceiro de uma serie de estudos sobre a situação nos Estados Unidos, a proposito de um concurso aberto para investigar o plano mais effizaz para conseguir a plena execução da lei prohibitiva das bebidas alcoolicas. Utilizando-se de um methodo de pesquisa muito em voga na America do Norte, o professor Fisher escreveu a personagens representativas nos dois campos oppositos — seccos e molhados — e documentou-se abundantemente. O livro a que deu por titulo *A nobre experiencia*, é a apresentação dos melhores argumentos que, de um lado e d'outro, os campeões da prohibição e os da revogação da emenda 18.^a á Constituição americana podem apresentar em favor de seu ponto de vista.

O *estado da questão* que, de facto, está á raiz da controversia é: se o uso moderado das bebidas alcoolicas é inherentemente prejudicial ou não; ao aspecto politico — se a prohibição é ou não prejudicial ao prestigio da lei. O *ponto de vista* do inquerito é verificar os elementos com que o paiz poderá contar para levar a cabo o programma do Presidente Hoover — administrar com a cooperação dos homens e mulheres de boa vontade capazes de conduzir os movimentos nacionaes. A *forma* do argumento é a de um summario de razões, pelo estylo juridico, alinhando em duas séries as arguições dos «molhados» e as dos «seccos».

Começa o A. pela questão do uso das bebidas alcoolicas como um derivativo da fadiga physica e mental e apresenta os prós e os contras da prohibição aos seguintes aspectos: o alcool e o trabalho na industria moderna, servida de motores delicados e de alta potencia; a moderação e a moridade; a attitude da classe medica; a mortalidade pelo alcoolismo; o pauperismo; a criminalidade e as doenças; o augmento da intemperança; os resultados economicos da prohibição; a prevaricação dos funcionarios fiscalizadores do alcoolismo; o custo da repressão do alcoolismo; o contrabando; a situação em um Estado «molhado», em outro «secco» e o consumo do alcool no territorio nacional; a opinião publica; a educação anti-alcoolica; a situação no Canadá e na Grã-Bretanha. A segunda parte da obra discute a possibilidade de revogar-se a emenda constitucional contra o alcool, a sua modificação para admittir um teor mais elevado de alcool nas bebidas leves, e finalmente a possibilidade da execução da lei prohibitoria.

O professor Fisher resume em poucas linhas as suas conclusões: Em summa, pode-se afirmar que a prohibição já produziu um beneficio incalculavel, tanto do ponto de vista hygienico, como do economico e social. A verdadeira liberdade pessoal, a liberdade de dar azo e gozo pleno ás nossas faculdades, é ampliada pela prohibição. Os «molhados» poderão apenas conseguir abrandamento ou descaso da lei prohibitoria, quer dizer augmentar enormemente o desrespito á lei, o que deploram, segundo affirmam. Conclue-se, pois, que a unica solução satisfactoria é executar com maior rigor a lei existente (p. 454-5). Não cabe no estreito espaço desta nota referencia minuciosa a certos pontos da documentação do A. O trabalho do prof. Fisher está illustrado com algumas photographias, 16 graphics e traz 43 tabellas de estatistica dos mais variados elementos objectivos do problema. (*)

Erasmu Braga.

HENRI PIÉRON — *O desenvolvimento mental e a intelligencia* (Le développement mental et l'intelligence) — Bibliothèque de Philosophie Contemporaine — Librairie Félix Alcan — Paris — 1929.

Henri Piéron reuniu em um pequeno volume — pequeno, mas de notavel densidade — quatro conferencias feitas na Universidade de Barcelona, a convite de Emilio Mira, em 1926. Subordinou-as aos titulos — O DESENVOLVIMENTO MENTAL E SEUS ESTADOS; A MEDIDA DOS NIVEIS DE DESENVOLVIMENTO; O DESENVOLVIMENTO E A INTELLIGENCIA. NIVEL E PERFIL MENTAL; OS PROBLEMAS DE AVALIAÇÃO DA INTELLIGENCIA. NECESIDADE DE UMA AVALIAÇÃO ANALYTICA. Esse simples enunciado basta para mostrar o methodo que seguiu. Partindo de considerações geraes, aprofundou e alargou progressivamente a questão, tratada como um todo a pouco e pouco desarticulado por uma analyse que não desprezou, como accentua o A. no prefacio, nem os dados fornecidos pela ciencia pura, desinteressada, nem os colhidos pela psychotechnica em seu trabalho pautado nas exigencias de uma previsibilidade pratica. Piéron deu um balanço no que já se tem feito, criticando as falhas, apontando os erros, mostrando

(*) A Bibliotheca da Liga adquiriu dois exemplares da obra de Irving Fisher, um dos quaes pôde ser consultado em sua sede, e o outro facultado, por emprestimo, a qualquer pessoa interessada no assumpto.

o que está ainda para ser realizado e o que vem realizando por sua propria conta. Em relação ás «escalas de intelligencia» tem-se sido talvez mais optimista do que o permitiriam os dados objectivos, mas não é tarde para refazer o conceito da indicação que ellas podem fornecer.

Na aula inaugural (1.º capitulo do livro) foram fixados os factores determinantes do desenvolvimento mental e os limites que se podem assignalar a seus estados. Duas ordens de causas concorrem para esse desenvolvimento: biologicas e sociaes. As correlações psychomaticas são cada vez mais evidenciadas e encarecidas, mas a contribuição organica somma-se a influencia social por intermedio da linguagem e da imitação.

Certas aquisições phisicas e psychicas são consideradas como typicas de determinadas idades. Marcam um nivel mental. Quando, no entanto, se alargam as observações alem das monographias individuais ou da consideração de dois ou tres casos isolados, verifica-se que ha uma divergencia na data do apparecimento de taes caracteres phisicos ou psychicos, não importando em anomalia desde que permaneça dentro de limites mais ou menos largos. A noção de variabilidade individual quanto ao nivel attingido em um dado momento, conduziu ao estabelecimento das «escalas metricas de intelligencia», estudadas no capitulo seguinte.

Todas as escalas se reduzem, como technica de construção e como apuração de resultados, a dois typos: escala de Binet e escala de Yerkes. A primeira permite a avaliação comparativa do desenvolvimento em idade mental, a segunda (theoricamente mais satisfactoria) attribue ao nivel mental um valor numerico, secundariamente convertido em idade. Como o desenvolvimento mental tem a mesma physionomia nas diversas creanças de um grupo homogeneo, pensou-se em prever o progresso mental individual. O quociente intellectual (Q. I.) é exactamente a expressão da rapidez desse progresso e permanece notavelmente constante. Na adolescencia, porém, os resultados são sempre sujeitos a caução. Observou-se mesmo que a idade mental diminue algum tempo depois que os jovens abandonam a escola. A que se poderia attribuir esse phenomeno? A uma fallencia das escalas de nivel mental? Como é justamente o adulto que se procura prever na criança, esse problema tem interesse. Suas soluções parciaes constituem o objecto do terceiro capitulo.

A rapidez do desenvolvimento é uma característica racial. A precocidade não leva, porém, a atingir um nível mental mais elevado, antes ao contrario. Dentro de grupos homogêneos, subsiste a hierarchia estabelecida em uma certa idade. Mesmo assim, o prognostico é sempre fragil, porque a criança não se faz adulto sem modificações qualitativas profundas. Até que ponto é, então, legitima a classificação social levantada por Yerkes sobre a base de Q. I.? A leva-la em consideração, poder-se-ia esperar, por exemplo, a existencia de tres milhões de genios nos Estados Unidos. «Eis o que seria encorajante para o futuro da humanidade.» Mas o doloroso é que esses genios vão desaparecendo das classificações acima de 12 annos. E tudo porque o Q. I. passou a ser considerado como criterio differencial da superioridade intellectual dos individuos independentemente da idade. A construcção das escalas, por defeituosa, não permittiria a persistencia do Q. I., a qual só seria possivel si se desistisse da classificação em idade e si se alargassem sufficientemente essas escalas afim de que nunca fossem pouco elevadas para qualquer mentalidade.

Mede a escala de Binet realmente a intelligencia? Aceitando a definição de Claparède — a capacidade de resolver problemas novos para o pensamento — (que não se oppõe de nenhum modo à concepção analytica do proprio Binet) não se pode dizer que a escala meça a intelligencia propriamente dita. Alem disso, os melhores tests de intelligencia não satisfazem ao criterio numerico de tests de desenvolvimento, são antes provas de aptidão. Não se confundem, portanto intelligencia e nível mental.

O mesmo nível mental não importa em igualdade qualitativa. A necessidade analytica de mostrar a importancia relativa das diversas funções mentaes originou o methodo dos perfis, empregado por Rossolimo e outros psychologos, com variantes de maior ou menor interesse. E nesses perfis, sejam de crianças, sejam de adultos, convem reservar uma rubrica, de maior importancia, para a intelligencia. Na quarta conferencia foi estudado como preencher essa rubrica.

A actividade intelligente de um individuo é, em summa, a manifestação da vida completa desse individuo, em face de um problema novo, exigindo uma resposta convenientemente adaptada. O ser vivo reage como um organismo que tem sua unidade e que é implicado todo inteiro em cada um

de seus actos, em cada uma de suas funcções, solidarias, umas das outras. No exame da intelligencia não é, assim, possível abstrair, entre outras, a influencia da affectividade, que lhe serve como que de motor. O factor affectivo tem sido mais ou menos claramente comprehendido e introduzido na definição da intelligencia, como «interesse», «curiosidade», «direcção». Na applicação dos tests de intelligencia um dos escolhos a evitar afim de tornar possível a comparação dos resultados, é exactamente a diversidade do gráo de interesse na realização das provas.

As diferenças de marcha da intelligencia podem determinar o maior ou menor exito dos tests (o espirito abstracto não conseguindo dominar deductivamente a questão, onde o concreto o faz intuitivamente). Uma analyse experimental do processo adoptado pela intelligencia pode ser tentada, em parte, pela consideração da forma e natureza dos problemas resolvidos. Esse esforço de penetração no mecanismo intimo do pensamento é ainda incipiente. Comtudo Thorndike já distinguio tres modalidades de classificação segundo a «velocidade», a «profundidade» e a «extensão». Cada uma dessas modalidades tem seu interesse particular no caso individual em apreço, de accordo com o meio physico e social. Não dispõe ainda a psychologia de tests que respondam a todas as necessidades de um exame assim agudo. Mas, com o que já existe, verificou-se que ha alguns casos em que a intelligencia está como que adstricta, por especialização, á resolução de um numero limitado de problemas ou a um typo particular de questão, enquanto que muito mais raramente tem ao mesmo tempo grande extensão e grande profundidade. Só o exame da intelligencia quanto á forma predominante (verbal, abstracta, logica, geral), ou quanto ao typo funcional (mais comprehensiva, mais critica, mais inventiva), pode decidir do melhor aproveitamento do individuo na vida social actual extremameente diferenciada, permittindo a realização racional «dessa orientação profissional que apparece como uma das tarefas essenciaes de nossas civilizações modernas».

Maria Brasília Leme Lopes.

LANGE, JOHANNES — *O crime como destino*. Estudos sobre criminosos gemeos (Verbrechen als Schicksal. Studien an Kriminellen Zwillingen) G. Thieme Verlag. — Leipzig, 96 pgs., 1930.

O Professor Lange escreveu um trabalho com o título «Crime como destino» em que faz estudos de gêmeos delinquentes. Lembra elle um methodo de Galton, que publicou em 1876 seus exames importantes ainda hoje, admittindo series de gêmeos uni e bivitellinos, com o fim de resolver a questão da parte que cabe nos phenomenos vitaes ás disposições hereditarias e ao meio. Galton escolheu gêmeos muito semelhantes, portanto univitellinos, e procurou vêr as diferenças ulteriores que nelles se dariam. Em seguida examinou gêmeos dissimilhantes, portanto bivitellinos, e procurou verificar se elles se assemelhariam mais pelo destino ulterior identico. O resultado desses exames foi a conclusão de que as disposições hereditarias teem maior importancia do que as influencias externas. Lange empregou o methodo dos gêmeos nos delinquentes, limitando-se exclusivamente a pares do mesmo sexo, dos quaes pelo menos um fôra condemnado. Entre trinta pares achavam-se treze de um só ovulo (univitellinos) e dezeseite de dois ovulos (bivitellinos). Dos treze pares univitellinos, em dez casos foram ambos condemnados, emquanto em tres casos somente um dos gêmeos entrára em conflicto. Dos dezeseite pares de dois ovulos (bivitellinos) somente em dois casos foram ambos condemnados, emquanto em todos os outros casos somente um dos gêmeos o fôra.

Destes factos deduz-se que em nossas relações sociaes hodiernas, as disposições hereditarias teem uma importancia predominante na criminalidade. D'esses resultados numericos conclue-se que as disposições hereditarias não são a causa exclusiva da delinquencia. Nos pares de um ovulo não foi encontrada absolutamente uma conducta concordante em relação ao delicto. O facto de que em mais ou menos um quarto dos casos só delinuiu um dos gêmeos univitellinos, significa que quaesquer influencias externas devem ter sido determinantes para a origem do delicto.

O crime comporta hypotheses biologicas e sociaes, pois não ha phenomeno biologico que se exgotte no autor, mas representa um producto social e como tal deve ter sempre hypotheses sociaes. Por essas razões o autor é de opinião, que na criminalidade, além das disposições hereditarias, devem ser tomadas em consideração outras influencias, taes como a syphilis, a tuberculose, os traumatismos e principalmente o alcool, referindo-se mais ainda á educação e ao meio em que o individuo vive.

Quanto á repressão do crime confessa o autor que não sabe se a privação da liberdade, como meio de educação e intimidação, é o melhor. A questão será achar a forma mais efficaz e a mais branda para aquelles que devem ser custodiados. Um dos deveres da sociedade é a execução penal progressiva, que cada vez mais restitua ao preso a determinação de si mesmo e lhe permita reentrar na vida. Outra necessidade igualmente valiosa é a assistencia depois da soltura e uma alteração das concepções geraes do crime. Ainda mais urgentes são tres outras exigencias, das quaes a primeira é a remoção dos terriveis effeitos do alcool. Em segundo lugar, vem o reconhecimento precoce dos individuos que devem ser detidos permanentemente. São imprescindiveis o exame minucioso de toûos os delinquentes e a formação de verdadeiros peritos neste dominio. Em terceiro lugar, e este é o mais alto problema, fazer a prophylaxia, procurando evitar a concepção de individuos com disposições criminosas. O autor affirma que para isto é preciso que saibamos muito mais do que hoje. Sabemos apenas que o caracter que conduz aos desvios sociaes, se origina por via hereditaria. A pesquisa das disposições hereditarias dos criminosos deve portanto ir parallelamente ao exame dos criminosos.

Gustavo Le Rezende.

HÉLENE ANTIPOFF — *Idéaes e interesses das creanças de Bello Horizonte e algumas suggestões pedagogicas.* Boletim n.º 6 da Inspectoria Geral da Instrução de Minas Geraes, 46 pags. — Bello Horizonte, 1930.

A senhora Helena Antipoff, ex-assistente do prof. Ed. Claparède, convidada pelo Governo de Minas para organizar o laboratório de psychologia pedagogica da Escola de Aperfeiçoamento de Bello-Horizonte, acaba de publicar, em interessantissimo folheto, o resultado de suas primeiras observações sobre a creança brasileira, ou melhor sobre a creança de Bello-Horizonte.

A leitura desse trabalho vem tornar mais patente o erro inicial de varias reformas feitas ultimamente, no ensino primario, entre nós: — a falta de um instituto no genero da E. de Aperfeiçoamento.

As pesquisas psychologicas, trazendo o conhecimento dos desejos, inclinações, tendencias, do espirito infantil permit-

tem proporcionar á creança o meio adequado ao desenvolvimento normal e harmonioso de sua personalidade e offerecem tambem um meio seguro de verificar a efficiencia dos processos de ensino.

A snra Antipoff preferiu iniciar o estudo que está fazendo da creança brasileira por um inquerito sobre os seus idéaes e interesses.

Os resultados, interessantes sempre, surpreendem algumas vezes, como o observa ella propria no commentario que faz á pergunta — «Qual o trabalho que V. prefere na escola?» A arithmetica, ahi, apparece em primeiro lugar, emquanto a Historia Natural consegue lograr apenas o oitavo. A snra. Antipoff attribue essa disparidade ao methodo antiquado de ensinar essa ultima disciplina.

A pergunta — «Com quem V. deseja parecer-se?» — obtém, em sua quasi totalidade, as respostas: com as pessoas da familia, os amigos, o professor. Sómente 8,7% indicam personagens illustres.

Em inqueritos semelhantes, citados pela autora, feitos nos E. Unidos e na Belgica este mesmo quesito obteve 80 e 60%, respectivamente.

A eminente psychologa, sente-se, tem escrupulos em attribuir a percentagem baixa das creanças de Bello-Horizonte a um retardamento na evolução do ideal. Procura antes a explicação do facto na organização ainda muito poderosa da familia brasileira.

Não sendo possivel alongar-nos mais neste commentario, embora pudessemos analyzar muitas outras informações preciosas, terminamol-o aconselhando a leitura do trabalho da snra Antipoff a todos os que se preocupam com a infancia e com os meios de educal-a.

Consuelo Pinheiro.

W. CARSON RYAN — *A hygiene mental no treinamento dos professores* (mental hygiene in the training of teachers). Comunicação ao 1.º Congresso Internacional de Hygiene Mental, Washington, 1930.

O autor, que é professor de educação no Swarthmore College, de Pennsylvania, encarece, de inicio, a importancia da escola para a diffusão da hygiene mental, frisando existir apenas outro dominio social cujas possibilidades se afiguram mais numerosas, na especie: o meio familiar, onde a educação

dos paes não deve deixar de ser feita, nos casos necesarios. Assignala em seguida o progresso consideravel que se tem verificado em seu paiz, estes ultimos annos, no referente ás condições do ambiente moral das escolas primarias, mas reconhece que, infelizmente, aqui e ali, ainda se observa a condemnavel pratica dos castigos, ou a attitude de obsoleto autoritarismo. No proposito de documentar as suas affirmações, -quanto ao inintelligente criterio seguido por alguns professores, ao julgarem os alumnos difficeis («problem-children») reproduz, dentre outros, os seguintes typicos julgamentos magistraes:

«Fez-se tudo para endireital-o».

«Quanto mais attenção elle prestava, tanto peor fazia as cousas».

«Ser-se delicado com elle não adeantava».

«Foi transferido para outra escola, na esperança de que melhorasse o seu comportamento».

«Mandal-o para uma escola correccional é a solução unica».

«Elle não regula bem da cabeça».

Na mesma ordem de idéas, resume o autor as interessantes conclusões de um trabalho de F. G. Wickmann, no qual este especialista põe em destaque a nitida differença de ponto de vista que pôde ser notada entre o criterio do professor e o do psychiatra, ou do monitor de hygiene mental, no modo de julgar moralmente os alumnos. Assim, num inquerito effectuado para esclarecer o assumpto, verificou-se que o professor dava quasi exclusivamente importancia ás manifestações de deshonestidade, ás transgressões contra a autoridade, á immoralidade, ás simples violações disciplinares (como, por exemplo, o amassar papel) e á «falta de applicação aos deveres escolares». O psychiatra, ao contrario, interessava-se, sobretudo, pelas creanças de genio retrahido, quasi sempre muito quietinhas e dando, por isso, pouco ou nenhum trabalho aos professores, sob o aspecto disciplinar, mas deixando entrever possibilidades sombrias, no tocante ao seu futuro mental. Ao psychiatra cabe tambem, sem duvida, perquirir em cada caso de aggressividade infantil exaggerada, as causas de taes manifestações, em ordem a dar-lhes combate. E até o proprio fracasso ou pouco exito de um alumno, no estudo de uma dada materia, leembra o autor, pôde filiar-se exclusivamente á interferencia de conflictos emocionaes, que con-

vém descobrir, para remover (antipathia do alumno pelo professor; caso domestico desagradavel em connexão com a materia referida, etc.).

Insiste muito o autor, por outra parte, na necessidade de não ser o professor um insatisfeito, ou um amargado, cujas reacções se caracterizem por deficiencia de sympathia, ou por indiferença rispida no trato com os alumnos. A proposito, traz ao debate a questão do estado civil das professoras primarias. Nos Estados Unidos, diz, nota-se, por parte das administrações, uma pronunciada tendencia a eliminar das escolas publicas as professoras casadas. Seria de certo grosseiramente injusto negar que outros estados civis contribuem com um contingente muito elevado de optimos elementos para o magisterio («too many gloriously fine unmarried teachers»). Mas em vista de que o matrimonio feliz permite o definitivo ajustamento normal da personalidade, com todas as suas beneficas consequencias, segue-se que a exclusão das professoras casadas jámais poderá ser defendida num programma que tenha a hygiene mental como um dos seus primordiales objectivos.

Ernani Lopes.

LEVI, LUISA — *Experimentos pedagogicos com crianças anormaes da Colonia Medico-Pedagogica de Marroco*. (Experimenti pedagogici sui ragazzi anormali della Colonia Medico Pedagogica di Marroco) *Infanzia Anormale*, anno XXII, nova serie, abril-dezembro de 1929.

A autora, medica dirigente de uma das secções da Colonia supra-citada, na provincia italiana de Veneto, começa lembrando que o methodo classico do ensino da escripta consiste em adestrar a criança na execução dos movimentos graphicos. fazendo-a repetir varios signaes simplificados e de complexidade crescente (pausinhos, pernas de u, vogaes, consoantes, syllabas, palavras) em ordem a mecanizar, tanto quanto possivel, as contracções musculares necessarias ao acto de manuscreever. Só num segundo tempo, como corollario, esclarece-se o educando sobre o significado d'aquelles signaes que elle aprendeu a executar. Tal methodo é por certo uma boa gymnastica educativa (dressage) que se destina a crear uma nova praxia — porém não estimula a pensar, ou a reflectir. Ao contrario, exercitando fortemente a attenção, tende a inhibir o desenvolvimento da imaginação creadora.

Nas crianças normaes, cuja phantasia e imaginação são exuberantes, em contraste com uma capacidade pouco intensa ao esforço constante e prolongado, o facto não offerece maior perigo. No caso,, entretanto, dos anormaes, é raro que com o methodo classico se obtenham bons resultados. Os anormaes instaveis rebellam-se contra os exercicios, que não lhes despertam algum interesse, e assim começam a de- testar a escola. Os anormaes debeis, em geral mais doces e disciplinados, submettem-se facilmente, mas isso importa, diz a autora, em grave perigo para a sua intelligencia, pois a monotona repetição do mesmo «signal», ou desenho, ao qual não corresponde nenhum valor psychologico, vem favorecer o automatismo e agravar, por consequinte, a pobreza idea- tiva que já existe nesses deficientes.

No proposito de obviar aos inconvenientes apontados, aconselha a autora, para o apprendizado da escripta, os mo- dernos methodos da palavração e da propria sentenceação, pois desse modo se logra suscitar o «interesse» dos jovens anor- maes, proporcionando-lhes o desejo de exprimir graphicamen- te as suas idéas. Tudo naturalmente deve ser feito dentro de grande simplicidade, convindo nos primeiros tempos escolher sobretudo palavras simples, eexpressivas de noções concretas, como as que designam os objectos mais usuaes.

Em apoio de seu ponto de vista insere a autora em se- guida 5 observações clinico-pedagogicas de crianças anor- maes, fazendo-as seguir de 4 paginas com variados e inte- ressantes especimens da escripta e do desenho dos mesmos dcentinhos.

Na ultima parte do trabalho frisa a autora que em regra o methodo proposto não acarreta fadiga nos alumnos — justa- mente porque lhes desperta o interesse. Aliás, conclue, não devemos ter nenhum receio de habituar o anormal a affron- tar o esforço mental, pois sómente assim poderemos esperar fazer d'elle não um animal domesticado, senão alguma cousa que pareça gente.

Ernani Lopes.

NOTICIARIO

Academia Americana de Ciencias Políticas e Sociaes

Esta propecta aggremação, com séde em Philadelphia, Pa., 3622-24, Locust Street, nos Estados Unidos, e da qual fazem parte individualidades preeminentes da hygiene social dos principaes paizes cultos, acaba de distinguir os Drs. Professor Juliano Moreira, Juvenal Lamartine e Ernani Lopes, elegendo-os para o quadro dos seus associados. O numero de maio proximo passado dos «Annaes» da Academia foi organizado pelo proficiente neuro-hygienista, Sr. Frankwood E. Williams, sendo integralmente consagrado ao estudo de «Alguns aspectos sociaes da Hygiene Mental». Lêm-se nesse volume 21 interessantes artigos originaes e 19 analyses.

Liga Argentina de Hygiene Mental

Somos muito sensiveis á alta distincção que esta novel e brilhante sociedade houve por bem conferir, recentemente, aos nossos consocios, Professores Juliano Moreira, Henrique Roxo, Faustino Esposel, Julio Porto-Carrero e Drs. Mirandolino Caldas e Ernani Lopes, elegendo-os Membros de Honra do seu quadro social. Creiam os prezados confrades argentinos que, si já era grande a nossa estima e admiração pelos seus meritos, agora nos sentimos verdadeiramente irmanados no mesmo idéal. E não nos podemos eximir a um sentimento de justo orgulho quando vemos os neuro-hygienistas se mostrarem em todo o mundo, realmente á altura de suas responsabilidades, pois, dentre as suas multiplas iniciativas, não esquecem essa do gesto fraternal que transcende fronteiras, senieando concordia e grangeando affeições.

Nomeações e Promoções de membros da Liga

Na remodelação geral dos quadros do funcionalismo publico, que vem sendo feita pelo Governo Provisorio da Republica Nova, foram nomeados os seguintes membros da Liga: Professor Fernando Magalhães, Director da Faculdade

de Medicina; Professor Olinto de Oliveira, Chefe da Inspeccoria de Hygiene Infantil do Departamento Nacional de Saúde Publica; Dr. Waldemiro Pires, Director-Geral da Assistencia a Psychopathas; Dr. Florencio de Abreu, Director do Hospital Central do Exercito; Dr. Gustavo Lessa, Secretario Geral do Departamento Nacional de Saúde Publica; Sr. Horacio Cartier, Official de Gabinete do Sr. Ministro do Trabalho, Dr. J. V. Collares Moreira, Assistente effectivo da Assistencia a Psychopathas.

O curso de psychologia da Liga em 1930

No ultimo curso de psychologia realizado na Liga, foram dadas 22 aulas, das quaes a maioria teve em vista applicações da hygiene psychica ás questões educacionais. Matricularam-se no curso dois medicos, os Drs. Zacheu Esmeraldo e Diogenes Pereira da Silva, dez professoras, as Sras. DD. Agostinha de Mara Nogueira, Consuelo Pinheiro, Laura Lacombe, Olga de Avellar Fernandes, Elise Nascimento Machado, Clotilde Matta e Silva, Juracy Silveira, Cecilia T. Muniz, Alcina Backheuser, Idalina Carpenter Ferreira, e um preparatoriano, o Sr. Sylvio H. Martins Teixeira.

O curso teve inicio em 30 de Julho com uma conferencia do Professor Ulysses Pernambuco, de Recife, sobre «Ensaio de Applicação de test das 100 questões de Ballard». Seguiram-se-lhe, em datas differentes, os Professores: Erasmo Braga, que tratou dos «Elementos psycho-sociologicos nos programmas do ensino», C. A. Baker, que se occupou da «Estatistica na Educação e na Psychologia»; Miguel Osorio de Almeida, que, em 3 lições technicas, se occupou do «Methodo Graphico em Psycho-physiologia», D. Maria Brasilia Leme Lopes, que deu 3 aulas, sendo uma sobre exercicios praticos de psycho-estatistica, e duas, respectivamente, sobre technica do «Tapping-test» e «Medida do tempo de reacção»; Plinio Olinto, que fez duas conferencias sobre «Aspectos da percepção»; D. Helena Antipoff, que versou o problema dos «Tests de intelligencia geral»; Dr. Martim Bueno de Andrada, que em 2 aulas disse de sua experiencia pessoal, na applicação dos tests de Ballard e de Goodenough; Mauricio de Medeiros, que realizou uma conferencia sobre «Psycho-pedagogia da memoria»; Julio Porto-Carrero, que fez 3 preleções sobre «Methodos psychanalyticos», «Theoria da Psychanalyse» e «Applicação da Psychanalyse á Pedagogia»; Ernani Lopes, que

deu uma aula sobre «Ponometria» e tres sobre «Exame da sensibilidade tactil».

Raymundo Teixeira Mendes

Com o mais vivo pezar lamentamos o trespasse de nosso muito prezado consocio, Dr. Raymundo de Souza Teixeira Mendes, occorrido em 23 de Dezembro proximo passado, nesta capital. O Dr. Teixeira Mendes, que fazia parte, como membro titular, de nossa VI secção de estudos (ensino e vulgarização da neuro-psychiatria) era uma genuina gloria da neurologia brasileira, tendo publicado excellentes trabalhos, dentre os quaes se destacam: «Dos reflexos pouco explorados em clinica», These de doutoramento. «Sobre a contractura da hemiplegia capsular pyramido-extra-pyramidal», These de docencia de clinica neurologica. «Doença de Heine-Medin de forma anomala». «Dous casos de atrophia protopathica». A' 1.^a Conferencia Latino-Americana de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal apresentou, pela nossa Liga, interessante contribuição experimental sobre «A esphygmo-viscosimetria nos estados hypotonicos e hypertonicos musculares». Os seus «Elementos de Neuriatría» tinham constituido um real exito didactico, achando-se já em 3.^a edição. Clinico acatado, docente estimadissimo, character dos mais puros, Teixeira Mendes deixa na medicina patria um claro difficilmente preenchivel.

Publicações recebidas

Folgamos em registar o augmento progressivo das permutas dos «Archivos» com publicações scientificas nacionaes e estrangeiras. Como se poderá verificar por um cotejo entre a relação que damos abaixo e a que inserimos em nosso numero ultimo, attingem a dezeseis as nossas novas permutas, das quaes 3 brasileiras, duas argentinas, uma chilena, uma italiana, uma allemã, uma cubana, uma canadense e 6 norte-americanas.

Foi o seguinte o total das publicações que nos foram enviadas:

Livros e folhetos:

HÉLENE ANTIPOFF — Idéaes e interesses das creanças de Bello Horizonte e algumas suggestões pedagogicas. Bello Horizonte, 1930.

- HEITOR CARRILHO — Estudo clinico das epilepsias emotivas. *Separata* dos Arch. do Manicomio Judiciario, Rio de Janeiro, 1930.
- ALVARO CARDOSO — Assistencia aos insanos sob o ponto de vista administrativo, social e economico. *Separata* dos Annaes da Colonia de Psychopathas, Rio de Janeiro, 1930.
- MARTINHO DA ROCHA JUNIOR — Tradução portugueza das «Cartas ás Mães», do Prof. Wilhelm Stekel, de Vienna 1930.
- HANS ROEMER — Bericht ueber die erste deutsche Tagung fuer psychische Hygiene in Hamburg am 20 September 1928. Berlim und Leipzig, 1929.
- MARION MCBEE — Family attitudes affecting school behavior Illinois, 1930.
- H. L. MYRICK — Mental Hygiene as a Character Builder, setembro de 1929.
- PAUL POPENOE — How can colleges prepare their students for marriage and parenthood? California, 1930.
- ROBERT DICKINSON — Sterilization without unsexing, Illinois, 1929.
- JUSTIN MILLER E GORDON DEAN — Civil and criminal liability of physicians for sterilization operations. Los Angeles, 1930.
- JOSEPH MAYER — Eugenics in roman catholic literature. New Haven, 1930.
- P. POPENOE — Eugenic Sterilization in California (18 publicações da Human Betterment Foundation.

Jornaes e revistas:

- A FOLHA MEDICA. Editada pelo Dr. J. P. Fontenelle. 68, rua Buenos Aires, Rio de Janeiro. Tri-mensal. 20\$000 por anno.
- Anno XI, n.os 26 a 33, de setembro, outubro até 25 de novembro de 1930. M. Bueno de Andrada: Ensaio de applicação do test de Ballard. O emprego therapeutico do alcool (editorial). Podem ser evitadas as doenças mentaes? (editorial). Arnaldo de Moraes: O problema pre-natal.
- IMPRENSA MEDICA. Editada pelo Dr. Neves Manta. 30-1.º, rua Rodrigo Silva. Quinzenal. 20\$000 por anno.
- Anno VI, n.os 17, 18, 19, 20 e 21, de 5 de setembro a 15

de novembro de 1930. Ed. Meirelles: Pró Classe Médica. Cunha Lopes: Munich e a Psiquiatria. Neves Manta: Conceito de loucura imposta e sua exacta significação psychologica.

JORNAL DOS CLINICOS. Editora Scientifica Brasileira. 176, rua Buenos Aires. Rio de Janeiro. Quinzenal. 30\$000 por anno (exterior).

Anno XI, n.ºs 17, 18, 19, 20 e 21, de 15 de setembro, outubro e 15 de novembro de 1930.

BOLETIM DE EUGENIA. *Separata*, da «Medicamenta». Director: Dr. Renato Kehl. 63, rua Smith Vasconcellos, Rio de Janeiro. Mensal. 5\$000 p. anno.

Anno II, n.ºs 20, 21 e 22, de agosto, setembro e outubro de 1930. Doenças familiares e exame pre-nupcial.

ARCHIVOS BRASILEIROS DE MEDICINA. Editados pelos Drs. Mario Pinheiro e Helion Pova. 16, Largo da Carioca. Mensal. 30\$000 por anno (União Postal).

Anno XX, n.ºs 8 e 9, agosto e setembro de 1930.

REVISTA MEDICO-CIRURGICA DO BRASIL. Editada pelos Drs. O. da Fonseca F.º e C. Seidl F.º 73, rua 7 de Setembro, Rio de Janeiro. Mensal. 40\$000 por anno (exterior).

Anno XXXVIII, n.ºs 9 e 10, de setembro e outubro de 1930.

ARCHIVOS DA CLINICA DO PROF. OSWALDO DE OLIVEIRA. Editados pelo Prof. Oswaldo de Oliveira. 55-4.º, Praça Floriano. Mensaes. 20\$000 por anno.

Anno I, n.ºs 3 e 4 de agosto e setembro de 1930.

LABORATORIO CLINICO. Editado pelo Dr. C. da Silva Araujo. 22, rua do Mercado, Rio. Mensal.

Anno X, n.ºs 62, agosto de 1930.

GAZETA CLINICA. Editada pelos Drs. Alves de Lima e Xavier da Silveira. 14-sob., rua S. Bento, S. Paulo. Mensal. 12\$000 por anno (exterior).

Anno XXVIII, n.ºs 7, 8 e 9, de julho a setembro de 1930. daró, S. Paulo. Mensal 25\$000 p. anno.

ANNAES PAULISTAS DE MEDICINA E CIRURGIA. Editados pela Soc. Editora Medica Ltda. 6, rua Libero Badaró. S. Paulo. Meensal 25\$000 p. anno.

Vol. XXI n.º 8, agosto de 1930.

EDUCAÇÃO. Editada pela Directoria Geral de Instrução Publica de S. Paulo. 1, Trav. da Benefic. Portugueza. Mensal. 20\$000 por anno.

Vol. XII, n.os 3 e 4, setembro e outubro de 1930. L. Gonzaga C. Fleury: *Illusões comuns*.

REVISTA DO INSTITUTO DE MEDICINA. Editada pelo Instituto de Medicina. 10, r. Gal. Lima e Silva, Porto Alegre, R. Grande do Sul.

Anno I, n.º 1, agosto-setembro de 1930.

JORNAL DE MEDICINA DE PERNAMBUCO. Editado pelo Dr. Octavio de Freitas. 48, Praça Maciel Pinheiro, Recife. Mensal. 25\$000 por anno (União Postal).

Anno XXVI, n.os 1 a 6, janeiro a junho de 1930. Alcides Co-deceira: *Toxicomanias*.

ANNAES DA COLONIA DE PSYCHOPATHAS DO ENGENHO DE DENTRO. Editados pelo Dr. Gustavo Riedel. 17, rua Ramiro Magalhães, Rio de Janeiro.

Anno III. Gustavo Rieedel: *A lição de Toulouse e o exemplo de Gheel*. Plinio Olinto: *Aptidão de atenção*. Gustavo de Rezende: *Alcoolismo infantil*. Zopyro Goulart: *O melhor caminho para a hygiene mental*. Alberto Farani: *Esterilização e prophylaxia mental*.

REVISTA DAS CLINICAS. Editada pelos Drs. F. da Costa e E. Barroso do Amaral. 14-1.º, rua da Quitanda, Rio de Janeiro. Mensal. 20\$000 por anno.

Anno IV, n.os 7, 8 e 9, julho, agosto e setembro de 1930. Henrique Roxo: *Tratamento dos delirios systematisados allucinatórios*.

ARCHIVOS DE LA SOCIEDAD DE BIOLOGIA DE MONTEVIDEO. C. Correo n.º 567, Montevideo (Uruguay). Vol. II, n.os 2 e 3, junho e setembro de 1930.

ARCHIVOS ARGENTINOS DE NEUROLOGIA. Editados pelo Dr. Manoel Balado. 1011, Bm. Miire, Buenos Aires. Mensaes. 15 pesos p. anno (exterior).

Vol. VI, n.os 3 e 4, abril e maio de 1930.

REVISTA ARGENTINA DE NEUROLOGIA, PSIQUIATRIA Y MED. LEGAL. Editada pelos Drs. Helvio Fernandez e Juan Obarrio. 2131, Las Heras, Buenos Aires. Bimestral. £1 p. anno (exterior).

Anno IV, n.os 21, 22, maio-junho, julho-agosto de 1930. J. M. Estapé: *La ley de la extereorización del pensamiento y el mecanismo de la educación*. Erich Leschke: *Las alteraciones de la excitabilidad vegetativa y su importancia clinica*.

REVISTA OTO-NEURO-OFTALMOLOGICA Y DE CIRUGIA

- NEUROLOGICA. Editada pelo Dr. Lijo Pavia. C. Postal n.º 325, Buenos Aires. Mensal. £ 1 p. anno (exterior). Vol. V, n.ºs 9 e 10, setembro e outubro de 1930.
- REVISTA DE LA SOCIEDAD ARGENTINA DE BIOLOGIA Y DE LA SOC. DE BIOLOGIA DEL LITORAL. Editada pela Assoc. Medica Argentina. 1171, Santa Fé, Buenos Aires. Mensal. 10.5 pesos p. anno (exterior). Vol. VI, n.ºs de junho, julho, agosto e setembro de 1930.
- REVISTA DE ESPECIALIDADES. Editada pela Assoc. Med. Argentina. 13.5 pesos p. anno (exterior). Vol. V, n.ºs 4 e 5, junho e julho de 1930. Alejandro Raitzin: Gimnasia, deportes y juegos en la terapeutica psiquiatrica.
- REVISTA MEDICA DEL ROSARIO. Editada pelo Circulo Medico de Rosario de Santa Fé. 663, Calle Italia, Rosario, Rep. Argentina. Mensal. Anno XX, n.º 10, outubro de 1930.
- LA MEDICINA ARGENTINA. Editada pelo Dr. V. H. Curto. 381, Junin. Buenos Aires. Mensal. 8 pesos p. anno (exterior). Anno IX, n.º 101, outubro de 1930. F. del Greco: Medicina mentale e caratterologia.
- BOLETIN DEL INSTITUTO PSIQUIATRICO 667, Suipacha, Rosario — Rep. Argentina. Trimestral. 5 pesos p. anno. Anno II, n.º 5, abril-junho de 1930. L. Ciampi e G. Boschi: Las toxi-infecciones y la delincuencia infanto-juvenil. Gonzalo Bosch: Los propósitos de la Liga Argentina de Higiene Mental.
- BOLETIN DE HIGIENE ESCOLAR. Editado pelos medicos escolares de La Plata. 1125, Calle n.º 13, La Plata, Rep. Argentina. Bimestral. Anno X, n.º 42, julho e agosto de 1930.
- REVISTA DE LAS SOCIEDADES DE MEDICINA INTERNA Y TISIOLOGÍA. Editada pela Asoc. Med. Argentina. Bimestral. 10,5 pesos p. anno (exterior). Vol. VI, agosto-setembro de 1930.
- REVISTA DE LA ASOCIACION MEDICA ARGENTINA. Bimestral. 13 pesos p. anno (exterior). Tomo XLIII, n.ºs 293-294, julho-agosto de 1930. Adolfo M. Sierra: Biologia de la erotica.
- REVISTA DE PSIQUIATRIA Y NEUROLOGIA. Editada pela Directoria do Hospital de Mazorra, Habana, Cuba. Bimestral. 2 ps. cubanos p. anno. Tomo I, maio e junho de 1930.

ACTION ET PENSÉE. Editada pela Soc. Intern. de Psychagogie et de Psychothérapie. 3, Taconnerie, Genebra, Suissa.

VI anno, n.os 9 e 10, junho-julho, agosto-setembro de 1930. Schwartz de Perrot: Ueber psychotechnik und Berufsberatung. Ad. Ferrière: Quelques mots sur la psychanalyse.

BOLETIN DE LA DIRECCIO'N GENERAL DE PROTECCIO'N DE MENORES. 1152, San Francisco, Santiago de Chile Annual. 15 pesos p. anno (exterior).

Anno I, n.º 4, agosto de 1930. H. Léa-Plaza: Organización de la ley 4447 desde 1.º-1-1929 a 1.º-6-1930. Adela E. de Salas: La Cruz Blanca. J. E. Guzmán: El Codigo de Menores del Brasil.

ZEITSCHRIFT FUER PSYCHISCHE HYGIENE. Editado pela Liga Alemã de Hygiene Psychica. 75540, Karlsruhe, Alemanha. Bimestral. 6 Rentenmarcos p. anno.

Tomo III, n.os 1 a 4, de fevereiro, abril, junho e agosto de 1930. W. E. Engelhardt: Arbeit und Psyche. C. Kurtz: Vorträge fuer die Angehörigen Kranker in Heil und Ppflegeanstalten (indirekte Psychotherapie). P. Holthausen: Zur Einrichtung einer erbbiologischen Kartei. W. Riese: Ueber psychische Hygiene R Fetscher: Zur Organisation der Ehe und Sexualberatung. J. S. Galant: Soziale Psychiatrie, psychische Hygiene, Eugenik. A. Wetzel: Die Eingliederung der offenen Geisteskrankenfürsorge und Wohlfahrtspflege. Ast: *Ibidem* in die öffentliche u. private Gesundheitsfürsorge und Wohlfahrtspflege. A. M. Merloo: Die psychische Hygiene in Holland.

ARCHIVIO GENERALE DI NEUROLOGIA, PSICHIATRIA E PSICOANALISI. Editado pelo Prof. M. Levi Bianchini. Teramo (Abruzzi) Italia. Trimestral. 8 dollares p. anno (exterior).

Vol. XI, 30 de junho de 1930. M. Levi Bianchini e Carlo Moriondi: Le radiazioni dellatmosfera umana in rapporto alla diagnosi precoce della personalità psichica e psicopatica ed alla profilassi ec' higiene mentale.

BOLETIN DE LA OFICINA SANITARIA PANAMERICANA. Editado pela União Panamericana, Washington, D. C., E. U. De A. Mensal.

Anno IX, n.s 8, 9, 10 e 11, de agosto a novembro de 1930. O n.º 11 notícia a realização do curso de psychologia da Liga Brasileira de Hygiene Mental.

REVISTA DE CRIMINOLOGIA, PSIQUIATRIA Y MEDICINA LEGAL. Editada pelo Instituto de Criminologia de la Penitenciaria Nacional. 3400, Las Heras, Buenos Aires. Bimestral. £ 1 p. anno (exterior).

Anno XII, n.os 98 e 99, de 1930.

INFANZIA ANORMALE. Editada pela Associazione Pro Infanzia Anormale. 6, Via B. Colleoni, Milano, Italia. Irregular. 100 liras (exterior).

Anno XXII, fasc. II, III e IV (nova serie), abril-dezembro de 1930. G. Ferreri: Nuove indagini sulla facoltà uditiva dei bambini. L. Levi: Esperimenti pedagogici sui ragazzi anormali della Colonia Medico-Pedagogica di Marocco. L. Spotti: La grafologia e la scuola.

THE HUMAN FACTOR. Editado por Massachusetts Soc. for Mental Hygiene.

Vol. VI, n.os 1, 2 e 3, janeiro a julho de 1930.

THE BULLETIN. Editado por The Canadian National Committee for Mental Hygiene. 102, College Street, Toronto, Canada.

Vols. I, II, III, IV e V (quasi completos) de 1925 a 1930.

THE JOURNAL OF GENERAL PSYCHOLOGY. Editado pelo Professor Carl Murchison. Clark University Press. Worcester, Mass., Estados Unidos. Trimestral. 7 doll. p. anno.

Vols. I, II e III, de janeiro de 1928 a outubro de 1930 (coleção completa).

MENTAL HEALTH BULLETIN. Editado por The Illinois Society for Mental Hygiene. 203 North Wabash Avenue, Chicago, Estados Unidos. Mensal.

Vols. VI, VII, VIII, de fevereiro de 1928 a junho de 1930.

MENTAL HYGIENE BULLETIN. Editado por The Southern California Society for Mental Hygiene. 626 Consolid. Bldg., Los Angeles, Calif., Estados Unidos. Mensal. 2 doll. p. anno.

Vols. III (desde abril de 1927), IV e V (até abril de 1929). MENTAL HYGIENE BULLETIN. Editado por Mental Hygiene Society of Maryland. 622, W. Lombard St., Baltimore, Maryland, Estados Unidos. Mensal.

Vol. IV, n.os 1, 2 e 3, de fevereiro a abril de 1930.

MONTHLY BULLETIN. Editado por Massachusetts Society for Mental Hygiene. 5, Joy St., Boston, Mass., Estados Unidos. Mensal.

Vol. IX, n.os 1 a 8, janeiro a outubro de 1930.

ACTAS E TRABALHOS DA LIGA BRASILEIRA DE HYGIENE MENTAL

Reconhecida de utilidade publica pelo de-
creto n. 4.778 de 27 de Dezembro de 1923.



EXPEDIENTE:

DIRECTORIA

Presidente: Dr. Ernani Lopes
Vice-Presidente: Prof. Dr. J. P. Porlo Carrero
Secretario Geral: Dr. F. L. Mac-Dowell (interino)

CONSELHO EXECUTIVO

Prof. Juliano Moreira	Dr. Heitor Carrilho
Prof. Henrique Roxo	Dr. Renato Kehl
Dr. Gustavo Riedel	Dr. Helion Póvoa
Prof. Mauricio de Medeiros	Dr. Adauto Botelho
Prof. Olinto de Oliveira	Dr. Murillo de Campos
Prof. F. Esposel	Dr. F. L. Mac-Dowell

Séde: Praça Floriano, 7
Edifício Odeon. 5.º andar, sala 516

A ASSEMBLÉA GERAL EXTRAORDINARIA EM 11 DE OUTUBRO DE 1930

Realizou-se em 11 de outubro de 1930, na séde da Liga Brasileira de Hygiene Mental, no Edifício Odeon, a annunciada assembléa geral extraordinaria convocada pela directoria, de accôrdo com o artigo 25º dos Estatutos.

O Dr. Ernani Lopes, abrindo a sessão, declarou que, como era do dominio de todos, deveria naquella assembléa ser recebido o Sr. Professor Ed. Claparède, facto cuja relevancia levava a directoria a solicitar da Associação Brasileira de Educação o seu salão de conferencias para a reunião. Como, entretanto, o illustre psychologista suiso não pudera ainda regressar de Bello Horizonte, devido aos acontecimentos anormaes do momento, tornara-se possivel ser a sessão realizada na propria sala da Liga, em vista de concorrência presumivelmente menor. Aproveitava, aliás, o ensejo para, uma vez que

estava reunida uma assembléa geral, propôr para membro honorario o preclaro scientista, quer em attenção aos seus meritos excepcionaes, quer em attenção á circumstancia de não ter ainda a instituição nenhum associado suiso, apesar do alto valor dos homens de sciencia de tão adiantado paiz. Essa proposta foi approvada sob applausos, sendo o Professor Claparède eleito por unanimidade de suffragios.

Continuando com a palavra, disse o Dr. Ernani Lopes, que, feita justiça pela assembléa a um mestre notavel da psychologia no estrangeiro, queria pedir tambem uma homenagem ao maior dos psychologos brasileiros, o Sr. Professor Manoel Bomfim, infelizmente ainda doente e recolhido a uma de nossas Casas de Saude. Ficou então resolvido que a assembléa se associava de coração á homenagem que ao mestre patricio vae ser prestada, na semana entrante, pelo Curso de Psychologia da Liga, constituindo-se dentre os presentes uma commissão composta pelo Sr. Professor Erasmo Braga, Dr. Odilon Galotti e o presidente da Liga para visitar o Sr. Professor Manoel Bomfim no sanatorio em que se encontra.

Passando a outro assumpto, disse o Dr. Ernani Lopes, que um prestigioso matutino desta Capital referindo-se, no seu editorial de quinta-feira ultima aos suicidios em nosso meio, apelou para a Liga, afim de que esta redobre os seus esforços no sentido de combater essa doença social. Desejava, a proposito desse appelo, lembrar, por sua vez, o que a Liga fizera á imprensa para que modificasse o sensacionalismo do noticiario dos suicidios.

O problema merece uma legislação cohibitiva adequada. Reconhecia, entretanto, que sómente a medida em questão não resolveria o problema. A outra providencia seria a do tratamento dos candidatos ao suicidio, frequentemente psychopathas hyper-emotivos, psychasthenicos, obcessos, em ambulatorios para doenças nervosas. A Liga se encarregaria de tal serviço, se lhe fornecessem recursos.

Dentre esses recursos, continuou, avultava o de uma séde apropriada. Lembrou, então, que a Liga, no inicio do actual Governo da Republica, era, na expressão do Professor Juliano Moreira, a mais bem installada de todas as suas congengeres no mundo. Por força, entretanto, de circumstancias de todos conhecidas, o actual Prefeito do Districto Federal foi obrigado a mandar demolir o edificio em que se

alojava a aggrcmiação, e até hoje nada lhe foi concedido como recompensa. Ora, um dos mais dignos socios da Liga acaba de suggerir se solicitasse ao Sr. Antonio Prado Junior, que, aliás, tem sempre distinguido a instituição com as suas sympathias, o edificio da antiga Escola Normal, agora vago. Consultava aos seus consocios sobre o assumpto.

O Sr. Dr. João Pires Ferreira pediu, então, a palavra, lembrando que se procurasse, antes de tudo, o Sr. Director da Instrução Publica, pois evidentemente o Sr. Prefeito nada resolveria sem ouvir aquella autoridade. Essa proposta foi approvada.

A Sra. Professora D. Maria Brasilia Leme Lopes lembrou existirem dois edificios separados na Escola Normal antiga, o que talvez facilitasse a cessão de um delles.

O Sr. Dr. Martim Bueno de Andrada suggeriu que se offerecesse em troca á Instrução Publica o exame psychologico gratuito dos escolares.

Por fim, o Dr. Ernani Lopes deu conta aos seus consocios da actual situação economica pouco prospera da instituição, onerada pelo aluguel de duas salas, pelas quaes paga 550\$000, e isso, aliás, graças a uma concessão especial da Companhia Brasil Cinematographica, por iniciativa de seu Presidente, o Sr. Francisco Serrador.

RECEPÇÃO DO SR. PROF. ED. CLAPARÈDE

Reuniram-se, em 8 de Novembro de 1930, ás 17 horas, na séde da Associação Brasileira de Educação, as varias secções de estudos da Liga Brasileira de Hygiene Mental, afim de ser recebido o eminente psychologista, Sr. Professor Eduardo Claparède, recentemente eleito membro titular desta instituição scientifica.

Constituida, sob a presidencia do Sr. Professor Juliano Moreira, a mesa da assembléa, de que fizeram parte os Srs. Ministro da Suissa, Professor Eduardo Claparède, Olinto de Oliveira, Arrojado Lisbôa, Arthur Moses, Martim Bueno de Andrada e Ernani Lopes, o Sr. Professor Juliano Moreira, abrindo os trabalhos, deu a palavra ao Sr. Dr. Bueno de Andrada, que, em nome da Liga, dirigiu ao cientista suiso a seguinte expressiva saudação, em francez:

«A Liga de Hygiene Mental desejaria solennizar o dia de vossa recepção com uma cerimonia extraordinaria em que

fossem prestadas ao grande mestre que sois todas as homenagens de admiração e de respeito que mereceis.

Os acontecimentos políticos desses ultimos dias impediram, entretanto, a realização de nosso desejo, e fomos obrigados a aproveitar este ensejo para vos expressarmos a honra que nos concedestes, accitando o titulo de membro honorario de nossa agremiação. A Liga de Hygiene Mental não quiz deixar passar a occasião de augmentar o seu patrimonio moral e intellectual, e para isso vos pediu permissão para inscrever o vosso nome entre os de seus associados.

Em nosso paiz, como em qualquer outro em que se trate de psychologia e de pedagogia, vosso nome é, de ha muito, assaz conhecido. Vossos livros são lidos attentamente, já vos consideravamos como um mestre familiar, a quem se consulta com frequencia, solicitando ensinamentos e conselhos.

Estou certo, Sr. Professor, de que nos poucos dias decorridos depois de vossa chegada ao Brasil, tereis tido innumeras provas da confiança que vosso nome inspira aos que trabalham nos varios ramos da psychologia.

Os professores de nossas escolas, sobretudo, vêem no vosso ensino psychologico a base mais solida dos progressos da pedagogia moderna. Elles habituaram-se a procurar nos vossos trabalhos — essa inesgotavel fonte de factos sobre a psychologia da criança — os fundamentos das technicas applicadas á escola.

Vossa presença nos meios escolares devia ser acolhida por uma festa collectiva dos professores e alumnos, sobretudo dessas criancinhas ás quaes devotastes toda a vossa actividade. Deviam reunil-as para vos agradecerem os beneficios que lhes tendes trazido, estudando-as com vosso lucido espirito de observação e de critica, e com este amor pela infancia que caracteriza todos os vossos actos.

Então, diante das crianças, dever-se-iam recapitular todos os esforços que fizestes e fazeis ainda para transformar, á luz de vossos conhecimentos psychologicos, a escola antiga nesse meio adaptado e por conseguinte agradavel á alma infantil que outrora se afigurava um sonho e que, hoje, começa a tornar-se uma realidade, não obstante a rotina.

Abstenho-me neste momento de fazer vosso elogio, como seria de boa praxe, pois que todos os presentes vos conhecem, sabem dos vossos meritos e aqui acorreram para vos escutar e applaudir.

Assim, a Liga Brasileira de Hygiene Mental tem, desde este momento, a honra, poder-se-ia dizer mesmo, a gloria de contar o Sr. Professor Claparède entre os seus associados.

Eu peço, pois, á assistencia, que celebre este acontecimento memoravel com uma manifestação ruidosa de alegria.»

O auditorio, correspondendo ao appelo, saudou com prolongada salva de palmas ao illustre mestre suiso, que em seguida fez uso da palavra.

Começou o Sr. Professor Claparède dizendo. sentir-se realmente feliz por ser recebido na Liga Brasileira de Hygiene Mental, associação cujo interesse pelas questões de psychologia da criança, tinha tido ensejo de verificar de perto.

Encareceu o valor da hygiene mental sobretudo no seu aspecto educativo, que não visa tanto a prophylaxia dos estados morbidos como a maior efficiencia das pessoas sãs de espirito, e lembrou, por fim, que a propria permutta de gentilezas e de titulos honorificos entre os intellectuaes ou entre os gremios scientificos de diversos paizes constituia uma verdadeira obra de hygiene mental pelas amizades internacionaes que assim se criavam e fomentavam.

Falou, em seguida, o Sr. Dr. Ernani Lopes, que, depois de varias considerações accentuou que a eleição do notavel mestre suiso para a Liga Brasileira de Hygiene Mental exprimia, além do mais, a convicção de seus consocios de que, para pôr em pratica essa especialidade, cada vez devemos conceder maior importancia ás technicas de psychologia applicada, fóra do campo pathologico.

Terminada a sessão da Liga, o Sr. Professor Claparède realizou brilhante conferencia sobre «Institutos de Educação» occupando-se especialmente do Instituto de Sciencias de Educação, de Genebra, de que foi fundador, e dos trabalhos da Escola de Aperfeiçoamento de Bello Horizonte, no dominio da psychologia e da pedagogia, salientando o esforço admiravel da Sra. Helena Antipoff e suas collaboradoras. Por fim, distribuiu entre a assistencia numerosos prospectos e boletins do Instituto genebrense e da Secção de Educação da Liga das Nações.

SECÇÃO INEDITORIAL

=

JOGOS EDUCATIVOS BRASILEIROS

Si existe phase vital em que a instrução e a educação devem subordinar-se estrictamente ás regras da psychologia e ás da hygiene do systema nervoso, é, sem duvida, a infancia e, sobretudo a chamada «idade pre-escolar», que, como é sabido, comprehende, na maioria dos povos cultos, o periodo post-natal até aos 6 ou 7 annos.

William A. White, o grande neuro-hygienista norte-americano que, ainda o anno passado, presidiu o memoravel Congresso Internacional de Hygiene Mental, reunido em Washington, teve ensejo, certa vez, de accentuar que a infancia representa a «idade de ouro» para a hygiene mental, conceito que, com justa razão, adquiriu desde logo fóros de grande verdade, em todos os circulos capazes de se interessarem por este serio problema.

Ora, si, em rigor, a hygiene mental póde e deve começar a ser applicada desde o nascimento, não resta duvida que, no tocante á hygiene psychica e a pedagogia, é, sobretudo, a partir da «idade dos Jardins da Infancia» que mais proficua e interessante se torna a alliança d'essas duas especialidades, visando instruir a creança e, do mesmo passo, desenvolver-lhe racionalmente as diversas capacidades mentaes.

Para a consecução d'esse proposito nenhum outro aspecto póde ser comparavel ao que realizam os chamados «jogos educativos», mediante os quaes vão sendo treinadas as varias funcções psycho-sensoriaes, de modo,, por assim dizer, insensível, e sempre com agrado dos pequenos alumnos.

Do assumpto se têm occupado mestres proficientes da psychologia infantil, sendo notorios, sobretudo, entre os trabalhos de lingua franceza, os de autoria de Claparède, Quey-

rat, Decroly, Mlle. Longchamp, familiares a todos os pedagogistas.

Cabe, entretanto, a Mme. Artus Perrelet, a notavel educadora suissa, professora no Instituto de Sciencias de Educação de Genebra, e ora contractada pelo Governo de Minas Geraes, a iniciativa da organização de varias series dos referidos jogos, que na verdade se singularizam, graças ao engenho da autora, já de sobejo conhecido pelo seu util e interessante methodo de ensino do desenho.

Pois, bem. A Casa Editora Villas Bôas & Cia., por iniciativa de sua cada vez mais bem aparelhada Secção de Material de Ensino, rua 77 de Setembro 219-225, 1.º andar, Teleph.: 2-4641, acaba de lançar, com grande exito, no mercado, a Primeira Serie, em nosso idioma, de taes jogos, a que denominou «Jogos Educativos Brasileiros», pela perfeita adaptação conseguida para as nossas crianças.

Constituem essa Primeira Serie os nove jogos seguintes: A-1: *Formas e côres*; A-2: *Os balões*; A-3: *Direita-Esquerda*; A-4: *A maringa*; A-5: *O calçado*; A-6: *As linhas*; A-7: *Os valores*; A-8: *Formas geometricas*; A-9: *Dobradura*.

Destina-se cada um de taes jogos a desenvolver uma ou mais funções mentaes, ou sensoriaes, conforme poderá ser bem comprehendido pelos exemplos que passamos a inserir.

A-1 — FORMAS E CORES — *Atenção espontanea*,

Identificação de fórmias communs, das tres côres *fundamentaes* (vermelho, azul e amarello) e das tres côres compostas (rôxo, verde e alaranjado), suscitando a *atenção espontanea*.

Material — Compõe-se este jogo de quatro cartões, doze estampas representando objectos communs, e doze letreiros com os nomes dos objectos figurados.

Manipulando esse material, a creança distinguirá fórmias e côres. Presta-se este jogo a exercicios de linguagem e de leitura.

INSTRUCCÕEs — 1) *Entregar* á creança um dos cartões com as tres estampas respectivas, baralhadas. A creança terá de collocar cada estampa sobre a figura correspondente no cartão, dizendo qual é o nome do objecto e a sua côr.

Repete-se o mesmo exercicio com os outros cartões, cada um por sua vez.

2) *Dar* em seguida dois cartões com suas seis estampas, para a criança fazer o mesmo trabalho de identificação. Acrescenta-se, depois, um terceiro cartão com as suas tres estampas, e finalmente, ajunta-se o quarto cartão e suas estampas, perfazendo o total de doze estampas. A atenção vai sendo assim despertada progressivamente.

3) *Utilizar*, então, um dos cartões com suas respectivas estampas, ajuntando-se ainda mais tres estampas correspondentes a outros cartões diversos, o que obrigará a criança a ficar mais atenta na identificação, na qual procederá como anteriormente.

Augmenta-se a dificuldade, dando-se, a seguir, dois cartões e as doze estampas.

4) *Collocar* deante da criança um dos cartões e só duas das estampas que lhe são correspondentes. Depois de identificar as duas estampas dadas, a criança terá de dizer, guiando-se pela figura do cartão, qual é a estampa que falta, qual o nome do objecto nella representado e a sua côr. Empregam-se, dest'arte, successivamente, dois cartões e quatro estampas, tres cartões e seis estampas, quatro cartões e oito estampas. Assim, a criança fará o mesmo exercicio, applicando cada vez mais atenção.

5) Repetir o exercicio n.º 4, porém, desta vez, a criança terá de indicar, da esquerda para a direita o lugar que a estampa omittida teria de occupar em cada cartão. Ex.: *Falta a segunda estampa do terceiro cartão.*

6) *Leitura e linguagem.* — Póde-se empregar esta série com as crianças que estejam aprendendo a ler. Neste caso, a professora escreverá previamente, no quadro negro, o nome do objecto e cada criança tem de collocar, sobre a figura, o letreiro correspondente ao nome escripto, que o alumno então deverá pronunciar distinctamente.

Este jogo A-1 «Fórmulas e cores» póde ser utilizado por uma só criança, para exercicio individual, ou póde ser applicado, em conjunto, com um grupo de alumnos sob a direcção da professora.

EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS — TRABALHO PESSOAL

A-4 — A MORINGA — *Educação do Sentido Espacial, Attenção, Observação, Juizo, Leitura, Elocução.*

Material — Compõe-se este jogo de quatro cartões, doze estampas e quatorze letreiros indicadores de posições, e representa a situação varia de uma moringa sobre uma mesa (á direita, á esquerda, na frente, atraz) no soalho (á esquerda da mesa, sob a mesa). Educação do sentido espacial.

INSTRUÇÕES — 1) *Entregar* os cartões, com as respectivas estampas. A criança, guiando-se pelas posições e pelos tamanhos, fará a identificação. (Exercício de atenção).

2) *Entregar* os cartões e suas estampas, separadamente, e a criança deverá dizer o que observar relativamente á posição da moringa, em cada figura.

Ex.: *A moringa está á direita, na beira da mesa. A moringa está no soalho, em frente da mesa.* (Exercício de elocução).

3) *Dar*, desta vez, só as estampas e a criança deverá classificá-las em tres grupos: (i) moringas grandes, (ii) moringas médias, (iii) moringas pequenas. (Exercício de observação).

4) *Perguntar á criança: Porque a moringa não é sempre do mesmo tamanho?* Corta-se, no centro de um cartão de doze centímetros quadrados, um quadrado de quatro centímetros, que se colloca deante da criança, a vinte centímetros de distancia, como si fosse uma janellinha. Convidada a criança a observar por esta janella, uma moringa posta muito perto e que se vae afastando lentamente, ella verá que a moringa parece ir ficando cada vez menor ao passo que se alonga a distancia (curiosidade, atenção, observação, instrução).

5) *Mandar* que a criança forme grupos das moringas que estão mais longe, das que estão mais perto (atenção, observação, memoria, juizo).

6) *Propor* uma questão de hygiene e de prudencia: A professora explicará que as moringas postas no chão ficam mal collocadas, porque a agua poderá contaminar-se, e que na beira da mesa estão em máo logar porque ficam em risco de ser derrubadas.

A criança organizará a seguir, tres grupos de estampas: (i) posição antihygienica, (ii) collocação imprudente, (iii) boa posição. (Elocução, memoria, juizo, instrução).

7) *Repetir* a série destes jogos, com as crianças que estão aprendendo a ler, fazendo, por escripto no quadro negro, a identificação de varias posições.

A criança terá de achar o letreiro correspondente, afim de o collocar sobre a figura em questão e pronunciará, distintamente, o que estiver escripto no letreiro escolhido.

A-7 — OS VALORES — *Educação do sentido visual.*

A VISTA: VALOR DAS CORES

Este jogo depende seriadamente dos jogos A-1, A-2, A-3, e foi composto para que as crianças assimilem facilmente a noção importantissima dos valores chromaticos.

Material — Contém este jogo tres cartões, com figuras nas tres côres fundamentaes: vermelho, azul e amarello, em quatro valores; tres com figuras nas tres côres compostas:

verde, rôxo e alaranjado, em quatro valores ascendentes; 24 estampas e 6 letreiros com os nomes das côres e 4 outras com as indicações dos valores. Acompanha um envelope com 4 folhas de papel vermelho transparente.

INSTRUÇÕES — 1) *Collocar* a criança em frente á janella. Tirar do envelope uma folha de papel vermelho transparente que se mostra ao alumno, que a observará contra a luz, por transparencia.

— Olhe, esta côr é clara e luminosa, e por isso é que se chama vermelho, primeiro valor.

Toma-se então a segunda folha de papel transparente e sobrepõe-se á primeira, porém de modo que fique uma certa margem com a espessura de uma só folha, afim de permittir á criança que faça a comparação entre o colorido vermelho de um e de dois volores, notando que onde as folhas de papel se sobrepõem o vermelho é mais escuro.

— Chama-se a este: vermelho de segundo valor.

E assim por diante utilizam-se a terceira e a quarta folha de papel transparente, incitando a criança a dizer: — Vermelho de terceiro, de quarto valor.

2) *Fazer* que a criança assim já adestrada volte ao seu lugar e repita sósinha este exercicio. Explicar-lhe que o mesmo succede a todas as côres.

— Ajuntando-se uma folha transparente de papel de côr a outra, que acontece?

— Augmenta-se o valor ás côres (addicção).

3) *Dar* separadamente os cartões das tres côres fundamentaes e suas estampas. A criança deverá identificar os valores da direita para a esquerda, e ao mesmo tempo dar-lhes a denominação.

4) *Passar* aos cartões de côres compostas, fazendo as crianças os mesmos exercicios acima descriptos.

5) Repetir os exercicios com os cartões progressivamente baralhados.

6) *Tirar* pouco a pouco as estampas, pedindo-as á criança pelo numero do valor chromatico e pelo nome da côr.

7) *Pôr* duas crianças a brincar — uma vende carreteis e outra faz compras.

— Bom dia, minha senhora. Queria um carretel de linha vermelho claro, primeiro valor.

A outra servirá ao freguez, apresentando-lhe a estampa correspondente.

8) Repetir o exercicio anterior, devendo, porém, a indicação do valor chromatico ser feita pela apresentação dos papeis transparentes. Ex.:

— Quero um carretel vermelho deste valor — e mostra por transparencia uma, duas ou mais folhas do papel da escala.

*
**

Como se vê por esses exemplos, a 1.^a serie dos jogos Educativos Brasileiros é applicavel para crianças que estejam na idade do Jardim da Infancia e tambem para as que já estejam iniciando o curso primario.

Os prospectos relativos a qualquer dos nove jogos são distribuidos gratuitamente a toda pessoa que o solicitar.

A Casa Editora Villas Bôas & Cia. tem, por fim, a satisfação de informar ao publico que já se acham no prélo os Jogos Educativos Brasileiros B, da primeira Serie e A e B da segunda e da terceira Series.

